

DÉCIO ROBERTO SZVARÇA

O FORJADOR

RUINAS DE UM MITO

ROMÁRIO MARTINS (1893-1944)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.  
Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Ana Maria de Oliveira Burmester.

CURITIBA

1993

DÉCIO ROBERTO SZVARÇA

O FORJADOR

RUINAS DE UM MITO

ROMARIO MARTINS (1893-1944)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.  
Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Ana Maria de Oliveira Burmester.

CURITIBA

1993

DÉCIO ROBERTO SZWARÇA

O FORJADOR

RUINAS DE UM MITO

ROMARIO MARTINS (1893-1944)

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, pela Comissão formada pelos professores:

Orientador: Prof<sup>ã</sup>. Ana Maria de Oliveira Burmester

Prof<sup>ã</sup>. Etelvina Maria de Castro Trindade

Prof<sup>ã</sup>. Maria Ignês Mancini de Boni

Curitiba, 20 de agosto de 1993.

## OS HOMENS OCOS

Nós somos os homens ocios  
Os homens empalhados  
Uns nos outros amparados  
O elmo cheio de nada. Ai de nós!  
Nossas vozes desseccadas,  
Quando juntos sussurrámos,  
São quietas e inexpressas  
Como o vento na relva seca  
Ou os pés de ratos sobre cacos  
Em nossa adega evapora

Fôrma sem forma, sombra sem cor,  
Força paralisada, gesto sem vigor;

Aqueles que atravessaram  
De olhos retos, para o outro reino da morte  
Nos recordam - se o fazem - não como violentas  
Almas danadas, mas apenas  
Como os homens ocios  
Os homens empalhados.

T.S. Eliot.

## AGRADECIMENTOS

O trabalho acadêmico, talvez em função de sua origem em uma sociedade onde trabalho não era ainda o fundamento social, é o que mais mantém ao lado do trabalho artístico, em nossa sociedade, a aparência de uma realização individual. A responsabilidade pelo que contém, é lógico, continua sendo daquele que afixa seu nome na capa - o autor. Porém, tal realização seria impossível de ser concretizada sem a colaboração de um elevado número de pessoas e instituições. Portanto, os agradecimentos que seguem não são mera formalidade, mas sim o reconhecimento do esforço coletivo a fim de que este resultado fosse apresentado.

Agradeço o apoio financeiro fornecido pela Cordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - CAPES, e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ através de bolsas de estudos, durante o cumprimento dos créditos disciplinares e parte do tempo dedicado à pesquisa.

A professora Ana Maria Burmester devo a orientação segura e tranquila. Ao ouvir as questões suscitadas pela pesquisa, ponderava-as com lógica e rapidamente equacionava o problema,

possibilitando sua resolução. Nos momentos em que as dificuldades se traduziram em encruzilhadas ou becos sem saída, soube ela, com graça e inteligência, descortinar rumos, apontando suas facilidades e riscos. Aos professores que, de uma forma ou de outra, contribuíram para minha formação agradeço na pessoa do professor Sérgio Odilon Nadalin - coordenador dos cursos de pós-graduação na maior parte do tempo em que fui aluno, - com o qual, desde a graduação, mantenho agradáveis discussões historiográficas, início de uma fraterna amizade. Ao Francisco Moraes Paz agradeço a leitura atenta dos originais, bem como críticas e sugestões que só vieram beneficiar o resultado final.

Este trabalho seria impossível de ser realizado se não fossem as instituições, públicas e privadas, que preservam a memória social. A estas instituições e, em especial aos seus funcionários que, imbuídos da importância da tarefa que desempenham, lutam contra sérias adversidades, o meu agradecimento e incentivo. Na Biblioteca Pública do Paraná, registre-se o nome de Clarice Taborda que exerceu a chefia da Divisão de Documentação Paranaense com competência, organizando o material no sentido de preservá-lo, sem impedir ao usuário o acesso a informação. Ainda na Divisão de Documentação Paranaense, sempre fui atendido com profissionalismo pelos ex-colegas Paulo

Roberto Roda e Rosângela dos Santos. Helena Soares, responsável pela Biblioteca do Museu Paranaense foi atenciosa e interessada na localização de documentos e troca de informações. Na Divisão de Pesquisa e Publicações do Arquivo Público do Paraná, a simpatia e o zelo profissional de Daysi Lúcia Ramos de Andrade tornaram mais agradável e proveitoso o tempo da pesquisa. A estagiária Solange de Oliveira Rocha encurtou este tempo com seu auxílio no levantamento da documentação. Ao sr. Heron Trindade, Diretor Cultural do Clube Curitibano, agradeço a liberalidade de me permitir o acesso à biblioteca do Clube, onde fui recebido por Leda Maria Grisólia e Regina Brasil de Oliveira Vendramin que me distinguiram com sua atenção, à qual sou grato.

Dentre os colegas de estudos que se transformaram em amigos, registro um agradecimento especial à Cacilda da Silva Machado que em termos profissionais e pertinentes observou, discutiu e sugeriu nas várias etapas do trabalho e, demonstrando amizade e despreendimento revisou, vírgula por vírgula, os originais. Maria Luíza Andreazza esteve sempre presente, incentivando, telefonando, cobrando e auxiliando em tudo que lhe fosse possível, da leitura de originais ao empréstimo de

livros e do computador. Ao José Augusto Leandro, Gilson Leandro Queluz e Tatiana Marchetti agradeço a oportunidade das conversas e trocas de informações sobre nossos objetos de estudos, todos muito próximos. Pedro do Rosário Neto, também foi um interlocutor constante em certos momentos do trabalho, bem como emprestou bibliografia e indicou a localização de fontes.

Adelaide Fortes foi e é uma grande amiga. Digitou em seu computador a maior parte do texto. Leu, sugeriu e discutiu de forma interessada as conclusões da pesquisa. Na etapa final da revisão e acabamento me aturou em sua casa, incentivando e fazendo-me companhia. Porém, tudo o que possa dizer ficará aquém do que ela realmente representou neste trabalho, a não ser o fato simples de ser uma grande e velha amiga. Dora Urban, sua filha, colaborou "traduzindo" e digitando algumas páginas do manuscrito e dividindo sua companhia comigo.

Ao pessoal da chácara Ilha do Sapo, à Beth - com seu jeito de mama italiana, à Bea - com sua calma musicalidade, ao pequeno Tom - com seu sorriso sedutor e ao Heitor - infelizmente sempre ausente, agradeço os momentos de tranquilidade para recompor as forças junto à natureza.

A Diva e Silvestre, meus pais, que me acolheram no velho quarto onde redigi boa parte do texto final, e que me dedicaram o acalanto do seu amor, devo a preocupação e a torcida para que o término chegasse logo. Minha irmã Yara soube compreender certos lapsos na atividade doméstica e foi uma constante incentivadora.

A Adriana que com suas maneiras delicadas porém, firmes e decididas, enfrentou altos e baixos, ressacas e calmarias, presenças e ausências, correspondendo com meu amor.

Com estes, e com todos os anônimos e os que a memória escondeu, compartilho os méritos que possam haver neste trabalho.

## SUMARIO

INTRODUÇÃO .....	1
NOTAS E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	14
1 TERRA .....	19
1.1 A ILHA .....	20
1.2 INDUSTRIA EXTRATIVA .....	27
1.2.1 O PINHEIRO .....	28
1.2.2 O MATE .....	34
1.3 SEARA .....	38
1.3.1 AGRICULTURA .....	38
1.3.2 "ZEIDORA": MAE DO TRIGO.....	44
NOTAS E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	49
2 HOMEM .....	54
2.1 O INDIO .....	57
2.2 O AFRICANO .....	64
2.3 O EUROPEU .....	68
2.3.1 IBÉRICO .....	68
2.3.2 IMIGRANTES .....	70
2.4 O CURITIBANO .....	77
NOTAS E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	82
3 CIDADE .....	87
3.1 A FUNDAÇÃO DA CIDADE .....	88
3.1.1 PRIMEIROS POVDADORES .....	88
3.1.2 LENDAS INDIGENAS .....	95
3.2 METROPOLE .....	99
NOTAS E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	111

CONCLUSÃO .....	116
ONDE SE CHEGOU .....	116
O DESPERTAR .....	120
NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	123
ANEXO ICONOGRÁFICO .....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	142

## INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

"*Aqui, o Brasil está dando certo*", "*Curitiba. O Brasil que chegou ao primeiro mundo*". {1} são dísticos recentes sobre o Paraná e sua capital. Muitos outros, atualmente, em especial sobre Curitiba, poderiam ser citados. Estes dois bastam como exemplo. Apesar de que, como diz Moses Finley - nunca se pode "deixar estar" a retórica e a propaganda {2} - não é, no sentido estrito, o aspecto publicitário destas frases que interessa aqui, mas sim aquilo que elas representam da imagem que uma determinada sociedade faz de si. No caso, representam uma sociedade desenvolvida, ou que, pelo menos na crise {3} atual em que se debate o país, encontrou o caminho do desenvolvimento, estendendo as conquistas do progresso a toda a população; onde as diferenças sociais tendem a um ponto de equilíbrio, tornando-a "um paraíso da classe média" {4} e na qual os conflitos sociais que porventura ainda persistam não passam de meros acidentes do percurso que a leva, inexoravelmente, a um "primeiro mundo" paradigmático.

Não é de hoje que essas representações circulam no imaginário dos paranaenses. Na década de 1950, no âmbito das comemorações do centenário da emancipação política do Estado, foram elaboradas versões do Paraná e do homem paranaense, às quais as imagens de hoje ainda muito se assemelham. Duas obras {5} do período (1950) foram objeto de estudo em artigos recentes {6}, onde seus autores concluem que, em "*Um Brasil diferente*", "*O Paraná vivo*" (títulos das obras em 1950), a utopia

paranaense se realiza, neste 'vivo' e neste 'diferente', conferindo uma identidade regional ao Paraná". Para garantir esta identidade é necessário recuperar e preservar as singularidades regionais - "homens brancos, urbanizados e laboriosos" - que determinam o sentido da história, o progresso {7}.

Na década de 1950 tem-se, no plano geral, a ideologia desenvolvimentista, pregando a necessidade do país se industrializar e romper com o tradicional agrarismo da sociedade brasileira. No plano regional, este é o período em que praticamente todo o território do Estado está sendo ocupado por correntes migratórias internas e, em menor escala, externas. O enquadramento desta nova população, diferenciada da imagem que até então o paranaense tinha de si, e a necessidade de reforçar o centro de comando político (Curitiba), ao qual se submetiam as novas regiões produtivas, determinou a elaboração, pelas elites locais, desse discurso de progresso, cujo sujeito é o homem branco, urbano e trabalhador {8}.

Wilson Martins e Temístocles Linhares, autores respectivamente de "*O Brasil diferente*" e "*Paraná vivo*", pertenciam ao grupo de intelectuais que se opunha a um outro, o qual caracterizavam como ufanista {9}. Reunido no lado oposto da Rua XV de Novembro, em cafés e confeitarias, este outro grupo, composto por intelectuais tradicionais, tinha como figura de proa o historiador Romário Martins, que também detinha o título de "*Príncipe dos Jornalistas do Paraná*" {10}.

A colaboração de Romário Martins na imprensa diária e periódica da capital paranaense é intensa desde a proclamação da República, quando ainda como tipógrafo ajuda a imprimir nas gráficas d'"A República" boletins sobre os acontecimentos militares no Rio de Janeiro. A partir de 1896, depois de experiências em outros jornais, volta para "A República" onde iniciou-se como auxiliar de redação e permaneceu até 1930 como redator-chefe. Fundou e redatoriou várias revistas literárias e científicas em colaboração com outros intelectuais da época (11).

O ambiente onde o jovem Romário começa sua atividade intelectual ainda é influenciado pelo pensamento positivista que promoveu a República, porém fortemente modulado pela presença do movimento simbolista. Das características do simbolismo, algumas deixaram traços na obra romariana. Entre elas, a utilização da palavra, não limitada ao seu valor semântico, mas na sua força imagética de agitar, no íntimo de cada um que a ouve ou a lê, estados sentimentais, emocionais e morais. Provavelmente ajudado pela sua passagem nas oficinas tipográficas, outro elemento simbolista na sua obra é o cuidado com o valor sugestivo e simbólico da composição tipográfica dos livros e de suas ilustrações. Contudo, talvez o traço mais marcante que o período simbolista deixou na produção intelectual de Romário Martins tenha sido uma combinação de nacionalismo -

com a procura de uma alma nacional e estabelecimento da psicologia e das virtudes morais do povo - por um lado, e por outro, a necessidade de civilizar o país, no sentido da civilização européia. E, se nossa formação social é deficiente, graças às reservas morais e étnicas de nossa população seria possível recuperá-la com uma campanha ampla e duradoura {12}.

A construção de símbolos pela obra de Romário Martins, que identificam no Paraná e no paranaense os ideais de uma civilização {13}, é o objeto de estudo deste trabalho.

A grande atividade jornalística do autor é impossível de ser recuperada no âmbito de uma pesquisa de mestrado. Considerando-se que suas idéias mestras, bem como as imagens que produziu para divulgá-las estão suficientemente representadas na publicação de seus livros e folhetos {14}, optou-se por trabalhar esta produção. Mesmo neste conjunto fez-se um corte, excluindo-se os trabalhos relativos à disputa de limites entre Paraná e Santa Catarina. Talvez o maior estímulo para a elaboração, pelo autor, das características naturais e históricas que garantiriam para o Paraná um papel de destaque na construção da civilização brasileira venha do conflito com o Estado vizinho. Todavia, do que publicou a respeito, grande parte é reprodução de documentos e mapas históricos que comprovariam os direitos do Paraná ou são argumentos técnico-jurídicos voltados para a imediatividade da questão, em defesa do território para a oligarquia regional.

A procura e coleta de documentos em arquivos, inclusive de outros Estados e países sobre a questão de limites, deve ter despertado em Romário Martins a veia do historiador. Em 1900, é iniciativa sua a reunião da qual se originou o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense. Desde então, fez parte da Diretoria do Instituto, e mesmo nos períodos de pouca ou nenhuma atividade da entidade, esteve a sua frente como presidente. A questão prática imediata, aliou-se a necessidade de forjar uma história regional, que contribuiria para o estabelecimento de uma história nacional, por justaposição das diversas histórias regionais, num momento em que os regionalistas se opunham com vantagens ao poder central, contrariamente do que acontecera no período imperial. Ao mesmo tempo, esta construção reforçaria os laços de identidade regional entre a elite e a população, em um momento de ameaça à integridade territorial do Estado, bem como forneceria os elementos distintivos da civilização paranaense, em relação às de outras regiões do país. Deve-se considerar ainda, que o período 1890-1910 é chamado da "grande imigração" devido ao afluxo de estrangeiros das mais diversas etnias, em geral europeus que se dirigem para o Brasil e para o Paraná em especial. Este novo e diferenciado contingente populacional colocava a necessidade, para a elite local, de incorporá-lo ao seu projeto de sociedade. Para tanto precisava-se organizar este ideal, estabelecendo normas e padrões de comportamento para os papéis que cada um desempenharia na sociedade, e mais, justificar este ideal do ponto de vista histórico.

Neste sentido, a história regional do Paraná, a qual Romário Martins fundou ao tematizá-la enquanto história de toda uma comunidade e suas relações com o meio, ao contrário de outros historiadores que tratavam de fatos isolados {15}, é abordada neste estudo como sendo uma história mítica. Este tipo de história desempenha, na sociedade moderna, algumas das funções exercidas pelo mito em outras sociedades. Ou seja, muito antes do surgimento da idéia de história na Grécia, o mito já tornava o "passado inteligível e compreensível selecionando e focalizando algumas partes dele, que desse modo, adquiriram permanência, relevância e significado universal" {16}. Sua função soberana era revelar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, casamento, trabalho, educação, arte ou sabedoria {17}.

Em um artigo seminal, já citado {18}, Moses Finley, ao analisar e comparar três sociedades diferentes em momentos de crise por que passaram - Atenas do século V A.C., Inglaterra do século XVII e Estados Unidos na década de 1930 - conclui que nos debates contemporâneos, que poderiam ser racionais, raramente se resistiu à tentação de recorrer ao passado. Isto porque supôs-se, sem justificar, que o argumento da antiguidade é válido num debate político da época. Inclusive nos Estados Unidos, cujo passado estava bem documentado e estudado, a

citação seletiva substituiu a invenção (caso dos dois outros exemplos), como expediente operacional. Assim é que, o passado remoto foi concretizado e personalizado exatamente como o foram os mitos e lendas das sociedades antigas.

Portanto, além de sua função propriamente mítica, ou melhor, através dela, a história de Romário Martins também participa de sua contemporaneidade. Em um momento de crise - real ou imaginária - na sociedade tradicional paranaense, com a chegada de grandes levadas de imigrantes que precisam ser incorporados à identidade regional e a ameaça e perda efetiva de parcela de seu território, Romário Martins participa da criação de mitos modernos, como o da origem da democracia rural (ver capítulo 1), e o da maioria numérica da população originariamente branca, ou pelo menos eugenizável (ver capítulo 2). É como na expressão de Marc Bloch: "*No vocabulário corrente as origens são um começo que explica. Pior ainda: que basta para explicar*" (19). Recorrendo ao passado, que sempre foi um bom criado da autoridade (20), utiliza-se um argumento nele baseado e que, em geral, ultrapassa os limites de classe, nível educacional ou disposição política. Assim, a identidade regional e as lealdades que as elites podem arregimentar constituem o regionalismo que, enquanto comportamento político, é um dos elementos de explicação histórica válido para certos contextos e certas conjunturas (21).

Sendo esta uma pesquisa historiográfica, a abordagem deste objeto se dá no conjunto dos procedimentos impostos pela lógica histórica (22). Parece o óbvio, porém, depois dos comentários acerca do mito feitos acima e do divertido ensaio, mas nem por isso menos sério, de Robert Darnton, sugerindo aos autores estratégias para publicarem seus textos, dentre as quais: "*História. Diga que é antropologia. Antropologia. Diga que é história*" (23), esta observação se faz necessária. Além do mais, como os mercados editoriais norte-americano e brasileiro se ressentem de algumas diferenças, a estratégia sugerida por Darnton não se adequa ao presente trabalho, que, reafirma-se, pertence à disciplina da história.

Isto posto, deve-se esclarecer certos fundamentos que informam a prática específica em que foi operada a lógica histórica ao longo deste trabalho. O ponto de partida encontra-se nas formulações de Walter Benjamin contra o historicismo, seja ele burguês ou social-democrata, e cuja expressão está sintetizada nas suas "*Teses sobre o conceito de história*" (23). A de número dezessete se destaca:

O historicismo culmina justamente na história universal. Nisso é que, mais do que em qualquer outra coisa, a historiografia materialista se diferencia mais nitidamente. O historicismo não tem armação teórica. Proceda por adição: conclama a massa dos fatos para preencher o tempo vazio e homogêneo. Por sua vez, a historiografia materialista tem subjacente um princípio construtivo. Ao ato de pensar pertence não só o andamento dos pensamentos, mas também

a sua fixação. Onde o pensamento súbito estaca numa constelação saturada de tensões, transmite-lhe um choque que a faz cristalizar-se em monada. O materialista histórico só se acerca de um tema histórico quando o encontra em forma de monada. Nesta estrutura ele reconhece o signo de uma paralização messiânica dos acontecimentos, ou seja, o signo de uma chance revolucionária na luta pelo passado oprimido. Aproveita-a para destacar uma determinada época no transcorrer homogêneo da história: assim, ele destaca uma determinada vida dentro da época e uma determinada obra dentro da obra de uma vida. O resultado do seu procedimento é que na obra é resguardada e preservada a obra de uma vida; na obra de uma vida, a época; e na época, a totalidade do transcurso histórico. O nutritivo fruto do historicamente conceituado tem em seu interior o tempo como preciosa semente, ainda que dispense o gosto (25).

Esta longa citação tem sua razão de ser, pois é, em resumo, a explanação do plano de trabalho analítico a que foi submetida a produção de Romário Martins, que é historicista e, portanto, sem armação teórica, adicionando fatos para preencher o tempo vazio e homogêneo. Porém, esta produção também é o tema monadal, onde é possível destacar uma determinada obra na obra de uma vida, uma determinada vida em uma época e uma determinada época no "continuum" temporal, que é a forma ideológica com que se apresenta a tradição efetivamente descontínua dos opressores (26). Tem-se assim, uma constelação de forças (época, vida e obra), que, em uma relação dialética, iluminam-se reciprocamente. Apreender esta relação, é dar o salto do tigre em direção ao passado. O risco a que está submetido

aquele que realiza tal operação é grande, pois a proximidade exigida para com o passado, trazido para perto, no momento de sua reconhecibilidade, pode situar o historiador em uma posição mimética àquela da história que, a contrapelo, procura desvendar.

O auxílio para afastar esse risco é dado pelo conceito de imagens dialéticas, que aparece na tese dezessete, mas que, conforme Rouanet, é muito mais claro em outra obra de Walter Benjamin - "*Passagens*": "*Quando o pensamento pára uma constelação saturada de tensões, ali aparece a imagem dialética. Ela é a cesura no movimento das idéias [...]. Por conseguinte, o objeto construído pela historiografia é a própria imagem dialética. Ela é idêntica ao objeto histórico*" (28). Nelas relampejam correspondências espaço-temporais entre o presente e o passado que sonhou este presente, mas, como construção, as imagens dialéticas são imagens do despertar, captadas após o sonho pelo historiador dialético que "*tem o dom da verdadeira mimesis, e sabe estabelecer entre o agora escondido no passado e o agora da reconhecibilidade uma correspondência imediata e infalsificável*" (29). Desta maneira, o trabalho a seguir se pretende uma montagem intencional de imagens, realizando um ordenamento flexível das relações imagéticas, limitando os seus possíveis significados, porém, sem defini-los ordinária e definitivamente (30).

Nesta tarefa, outros conceitos foram chamados a prestar sua colaboração. Walter Benjamin, ao discutir símbolo - que segundo ele, pela conceituação vulgar do termo, tem sua unidade de objeto físico e metafísico deformada como se fosse apenas uma relação entre aparência e essência em função do realce que o Classicismo conferia à forma artística, plástica, do objeto simbólico - procura recuperar o valor original do conceito, que pertence à esfera teológica. Ou seja, símbolo não é apenas uma coisa que representa outra, pois esta representação remete para a salvação em um mundo transcendental. Neste sentido, ao longo deste trabalho, a construção simbólica realizada por Romário Martins refere-se à elaboração de imagens que representariam o ideal de uma civilização redentora que se realizaria na e pela história. Neste estudo porém, o conjunto da obra de Romário é tomado como alegoria - o dizer daquele que não aparece, daquele que está morto para a história romariiana. Nas palavras de Walter Benjamin, quando discute as diferenças entre o símbolo e a alegoria no Romantismo:

Enquanto que, no símbolo, com a idealização do ocaso, o rosto transfigurado da natureza se revela de modo fugaz à luz da Salvação, na alegoria, a *facies hippocratica* da história se apresenta aos olhos do contemplador como uma paisagem arcaica petrificada. A história, com tudo o que desde o início ela tem de extemporâneo, sofrido, malogrado, se exprime num rosto - não, numa caveira. E como lhe falta toda a liberdade 'simbólica' da expressão, toda a harmonia clássica

da forma, tudo o que é humano - essa figura, de todas a mais sujeita à natureza, expressa não apenas a natureza da existência humana em geral, mas a historicidade biográfica do indivíduo, de modo altamente significativo sob a forma de um enigma. O cerne da visão alegórica, da exposição barroca, mundana da história enquanto história dos sofrimentos do mundo, é este: ela é significativa apenas nas etapas de sua decadência {31}.

Se enquanto alegoria a obra romariana indicia a existência do outro e de uma história que poderia ter sido e não foi,<sup>4</sup> como ruína documenta um passado que foi, ou que se pretendeu ter sido e que continuaria sendo até hoje {32}.

Recuperar o passado por seus fragmentos, que em si conservam o acúmulo das experiências humanas (documentos de cultura), e romper com a continuidade, exibindo as possibilidades do ter acontecido (documentos de barbárie) é a tarefa que está proposta. Siga-se a ela.

INTRODUÇÃO

NOTAS E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- {1} PARANA. Os caminhos do Paraná. Informativo do Governo do Paraná. Curitiba : {1982}. ANEXO ICONOGRAFICO. Figura 01.
- {2} FINLEY, Moses I. A Constituição ancestral. In: ----. Uso e abuso da história. São Paulo : Martins Fontes, 1989. p. 29-56.
- {3} Não se discutirá neste trabalho a elaboração de uma imagem de crise a fim de se implementar uma proposta política autoritária. Para tanto remetemos o leitor para CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Ideologia e mobilização popular. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978. E para, SZWARÇA, Décio Roberto e CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto "verde" em Curitiba. In: História Questões e Debates, v. 10, n. 18/19. jun.-dez. 1989. p. 181-211.
- {4} GOMES, Laurentino e SILVA, Marleth. A capital de um país viável. Veja, São Paulo, ano 26, n. 1281, p. 68-75, 31 mar. 1993.
- {5} LINHARES, Temístocles. O Paraná vivo; um retrato sem retoques. Rio de Janeiro : José Olympio, 1953.  
MARTINS, Wilson. Um Brasil diferente; ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo : Anhembi, 1955.
- {6} BURMESTER, Ana Maria de Oliveira; PAZ, Francisco Moraes; MAGALHÃES, Marionildes Dias Brephol de. O paranismo em questão: o pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na década de 50. In: SILVA, Marco Aurélio da. República em migalhas. História regional e local. São Paulo : Marco Zero, 1990. p. 145-160.  
BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. Pensando o Paraná ... Algumas reflexões de intelectuais paranaenses nos anos 50. Curitiba : {mimeo} {198 }.
- {7} BURMESTER; PAZ; MAGALHÃES, p. 159.
- {8} Ibid., p. 159.  
IPARDES. O Paraná reinventado: política e governo. Curitiba : 1989. p. 47.
- {9} BURMESTER; PAZ; MAGALHÃES, p. 146
- {10} O termo 'tradicional' pode ser apreendido em um dos sentidos que lhe dá Antonio Gramsci: "O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas - que creem ser literatos, filósofos, artistas - creem também ser os 'verdadeiros' intelectuais". GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1979. p. 8.

Porém, se aceitarmos a tese de Magnus Pereira de que no século XIX desenvolveu-se, a partir da produção da erva mate, uma burguesia com uma proposta própria de industrialização auto-sustentada, o grupo de intelectuais paranaenses do final do século XIX e início do XX, ao qual Romário Martins pertencia, pode ser considerado como de seus (da burguesia ervateira) intelectuais orgânicos, em termos gramscinianos. PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Fazendeiros, industriais e não-morigerados. Ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). Curitiba, 1990. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

Neste caso e, considerando-se que a 'revolução de 30' é um momento de rearranjo das forças que compõem o bloco no poder, o que leva ao cumprimento pelo estado, no conflito entre as classes, de outros papéis além do de polícia; a diferença entre os grupos de intelectuais paranaenses (na sua maioria, funcionários do aparelho de estado), pode ser melhor entendida em razão da complexidade das funções do intelectual, que passam a ser exigidas por este 'novo' estado.

De qualquer maneira, a distância que pudesse existir entre um e outro lado da Rua XV, era facilmente vencida em reuniões como a promovida pelo Círculo de Estudos Bandeirantes, na qual prestou-se homenagem a Romário Martins, pelo 40º aniversário de seu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. A sessão foi presidida por Temístocles Linhares e o orador encarregado de receber o homenageado foi Wilson Martins (sem parentesco com Romário). ARQUIVO PÚBLICO, Documentos de Romário Martins, caixa 01.

Romário Martins não faz comentário sobre o título 'nobilíárquico', ele que foi um republicano de primeira hora.

- {11} MARTINS, Romário. Dados bio-bibliográficos até 1945. Curitiba : Guaira, 1945. p. 54.  
Sobre a formação do jovem Romário Martins ver TREVISAN, Edilberto. A formação de Romário Martins. In: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, v. XXIII, 1974. p. 5-26.
- {12} AMORA, Antonio Soares. História da literatura brasileira (séculos XVI-XX). São Paulo : Saraiva, 1963.  
p. 138-140.  
Ver também a "ex-libris" de Romário Martins: ANEXO ICONEOGRAFICO. Figura 06
- {13} Para o sentido de civilização atribuído neste trabalho ao projeto de Romário Martins, cfe. Raymond Williams: "{Civilização} Expressava dois sentidos que estavam historicamente unidos: um Estado realizado, que se podia contrastar com a 'barbárie', mas também agora um estado realizado de desenvolvimento, que implicava processo histórico e progresso". WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro : Zahar, 1979. p. 19.

- {14} Setenta obras ao todo, cfe. MARTINS, Romário. Dados bio-bibliográficos.
- {15} FINHEIRO MACHADO, Brasil. A historiografia de Romário Martins na sua "História do Paraná". In: BOLETIM DO DEPARTAMENTO DE HISTORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA. Curitiba : n. 21, 1974. p. 43-49.
- {16} FINLEY, Moses I. Mito, memória e história. In: ----. Uso e abuso da história. São Paulo : Martins Fontes, 1989. p. 3-27.  
Cfe. Eliade: "Graças ao mito, surgem lentamente as idéias de realidade, de valor, de transcendência. Graças ao mito, o Mundo deixa-se apreender enquanto cosmos perfeitamente articulado, inteligível e significativo". ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Lisboa : Edições 70, 1986. p. 123.
- {17} ELIADE, p. 14-15, 24, 107, 123.  
Cfe. Finley: "O mito era o grande mestre dos gregos em todas as questões do espírito. Com ele, aprendiam moralidade e conduta; as virtudes da nobreza e o inestimável significado ou a ameaça da *hybris*; e ainda sobre raça, cultura e até mesmo política". FINLEY, Mito, memória ... p. 6.  
Mesmo a estrutura da história, do tipo da produzida por Romário Martins, se assemelha à do mito. É uma história verdadeira e sagrada, realizada por seres extraordinários (sobrenaturais - cfe. Eliade). Através desta história conhece-se a origem das coisas, como começaram a existir e como dominá-las e manipulá-las, vivendo este conhecimento quer por meio de um ritual, quer narrando-o cerimonialmente. E por fim, os acontecimentos evocados, bem como a força sagrada que deles emana, acabam por impregnar-se naqueles que os vivem reatualizando. Cfe. ELIADE, p. 23.
- {18} FINLEY, A constituição ancestral.
- {19} BLOCH, Marc. Introdução à história. Lisboa : Europa-América, 1965. p. 31.
- {20} FINLEY, A constituição ancestral. p. 41.
- {21} SILVA, Vera Alice Cardoso. Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica. In: SILVA, Marco Aurélio da. República em migalhas. História regional e local. São Paulo : Marco Zero, 1990. p. 43-49.
- {22} Sobre a lógica histórica cfe. THOMPSON, E. P. A miséria da teoria, ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro : Zahar, 1981. p. 47-62.
- {23} DARTON, Robert. Publicação: uma estratégia de sobrevivência para autores acadêmicos. In: ----. O beijo de Lamourette, mídia, cultura e revolução. São Paulo : Companhia das Letras, 1990. p. 98-105.

- {24} BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio (org.). Walter Benjamin. São Paulo : Atica, 1985. p. 153-164.
- {25} Ibid., p. 163.
- {26} ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. São Paulo : Companhia das Letras, 1989. p. 51.
- {27} BENJAMIN, p. 157.
- {28} Benjamin citado por ROUANET, p. 84.
- {29} ROUANET, p. 87.
- {30} Ibid., p. 102-103.
- {31} BENJAMIN, Walter. Alegoria e drama barroco. In: ---. Documentos de cultura documentos de barbáries. (Escritos escolhidos). São Paulo : Cultrix, 1986. p. 17-40.  
ROUANET, Sérgio Paulo. Édipo e o anjo. Itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1981. p. 11-26.  
A distinção entre símbolo e alegoria é apresentada de maneira simplificada, com um pequeno glossário no final do livro, em KOTHE, Flávio. Para ler Benjamin. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976. p. 37-48.  
As figuras apresentadas no Anexo Iconográfico são exemplos de como os símbolos construídos por Romário Martins derivam facilmente para imagens iconográficas, ampliando o alcance de sua representação para além do texto escrito.
- {32} Ver referências da nota 31.

CAPITULO 1

TERRA

## 1 TERRA

Depois de tudo o que eu disse, vê-se que eu não errei chamando os Campos Gerais o "Paraizo terrestre do Brazil". Saint Hilaire.

Em 1931, quando publicou "Eu - Notas Auto-Biographicas", Romário Martins, referindo-se aos seus trabalhos da última década do século XIX, comenta: "*Phase de ensaio, dos 19 aos 26 annos, idade em que todo brasileiro é poeta, a mim seduziram as questões religiosas e sociais e o estudo da história regional do Paraná*" {1}.

Entretanto, já é possível detectar nesta fase de ensaio, uma das principais idéias em que se move o pensamento de Romário Martins. A "*Agricultura, que deveria merecer todo o esmero por parte dos Governos, acha-se suplantada pela industria, que excedeo já os limites do necessario na fabricação de quinquilharias e bugigangas*" {2}. É essa idéia, do trabalhar a terra como sendo a principal atividade humana, que possibilita a formação e o sustento de uma sociedade que se pretende civilizada que trataremos a seguir. A começar por uma visão idílica do território paranaense, passando pela exploração de seus frutos (pinheiro e mate) até chegarmos à proposta de diversificar a atividade econômica na agricultura ( trigo).

## 1.1 A ILHA

Romário acredita nas palavras de Saint Hilaire. Em 1900, depois de fornecer longitude e latitude do Estado, procurando assim destacá-lo do Brasil tropical, o nosso autor repete a fórmula "*A sua situação geographica torna-o o Paraizo do Brazil na phrase elegante de Saint Hilaire*" (3). Não só Romário, mas a maioria, para não dizer a totalidade de seus contemporâneos da intelectualidade paranaense, vai acreditar, reproduzir e amplificar a imagem do paraíso terrestre criada pelo sábio francês.

Esta descrição do paraíso, não mais restrito aos Campos Gerais, agora estendido para todo o Estado, não é pura propaganda, ou pelo menos não é só. Cria imagens que transformam-se em símbolos e acabam por se introjetar na mentalidade de uma época. Tornam-se elementos ativos não só das construções mentais idealizadas, como amalgamam-se no próprio processo de pensamento, constituindo-se em filtros através dos quais o mundo é visto e passa a ser relatado como real e, mais ainda, sendo o real.

O exame de alguns autores contemporâneos a Romário Martins ilustram tais afirmações. A imagem do paraíso é retomada em "*Sugestões ao Paraná*", onde o autor, o engenheiro Joaquim Branco, pede a concessão de uma estrada de ferro de Paranaguá

ao Guayra, querendo fazer do Paraná "um novo Far-West, mais fecundo e mais rico que o seu homonymo norte-americano - El Dorado, que collocará nossa terra na vanguarda dos demais Estados". E mais adiante acrescenta: "Todas as naturais condições que fazem de tudo isso um paraizo para o imigrante, um édem para a colonização..." (4).

De maneira geral e explícita esta imagem é transmitida em folhetos e brochuras de propaganda para atração de imigrantes.

Il y va de la propagande d'une terre admirable, presque méconnue des étrangers j'espere que nom audace (de escrever em francês) postera la divulgation du progres et des beautés naturelles de mon Paraná - nouvelle Chanaan du nouveau pays des rêves occidentaux, des nuées d'oiseaux voltigent dans l'air, où les forêts son d'ocultes trésors, où les montagnes sont d'or e les fleuves d'emeraude, ou les clair de lune sont agantés et les levers du soleil ont la couleur des roses fraiches (5).

Agora o Paraná, além de ser um paraíso transforma-se na terra prometida. E é assim que o jornalista Affonso G. Correia o chama na oração paranista que conclama para ser feita todos os dias:

O GIGANTE adormecido! - As serras,  
as chapadas, as matas do PARANA!  
Ondas de calor; rajadas de frio!  
Oh! riqueza incomparável da fauna  
paranaense!!!!  
CHANAAM que nos torna envaidecidos,  
PARANA! (6).

Novamente aqui a importância dos elementos geográficos e naturais para caracterizar este paraíso. Dádivas de Deus. Então, além da localização geográfica, esta terra tem condições topográficas exemplares. A beira-mar, ou serra abaixo, de formação geológica recente, é estreita faixa de terras de relevo baixo entre o Atlântico e a Serra do Mar. Esta corta o Estado no sentido Norte-Sul, próximo ao litoral, e demarca as regiões da beira-mar e serra acima. A pena de Romário e seu ardor pela terra exprimem melhor :

O planalto ou Serra-acima compõem-se, pois, dessas tres provincias geológicas, todas amplas e caracterizadas por uma punjante e varia vegetação, de que são exemplo os sertões magnificos, de opulenta flora sem rival no mundo, ou então constituídos por campos interminos onde nasce o gado e freme a vida, dilatada na amplitude das coxilhas, como nos Campos Geraes e em Guarapuava e Palmas {7}.

No catálogo dos produtos paranaenses enviados para a Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, elaborado sob a responsabilidade de uma comissão da qual o autor faz parte, o deputado Jayme Reis, em uma nota sobre a flora medicinal paranaense, depois de referir à posição geográfica do estado, à variação do relevo e do clima, diz:

Com uma das mais perfeitas redes d'agua fluvial; cercada, a ponto de (si não fôra o dorso da serra do mar que a liga ao continente), poder ser considerada uma ilha, de um lado pelo Atlântico e do outro pelo magestoso Paraná e muitos outros rios que prendem em suas vastas malhas a enorme pérola paranaense {8}.

Das coisas da natureza, o clima é outro elemento que contribui para a formação deste "locus" privilegiado. Nas palavras de Romário Martins: "*O clima no Paraná, geralmente saudável, goza nas regiões dos planaltos, mórmente no segundo, de merecida fama*". Mesmo só havendo dados de temperatura da capital é:

conhecida a amenidade do clima em todas as outras regiões e logares ha que são verdadeiros sanatórios, onde basta aos doentes que os procuram, (vindos quasi sempre de fóra do Estado) respirar-lhe o ar puro, res-taurador e fortificante. As molés-tias que tanto assustam o europeu que se destina ao Brazil, nunca por aqui appareceram.

Esse clima tão bom vem se constituir em um "*dos climas mais bellos do mundo*" segundo Henrique Morize, diretor do Observatório Nacional cuja divisão climática estabelece que o Paraná pertence à zona temperada doce {9}. Isto conforme citação de Romário em "*Alguns Aspectos do Paraná*", referência que é retomada no clássico "*História do Paraná*" {10} levemente retificada, pois a zona temperada doce, com seu clima dos mais belos do mundo, deixa de ser exclusividade do Paraná e é estendida aos três estados ao sul de São Paulo.

A relação topografia /clima é uma constante nas descrições das vantagens do Paraná e uma frase da oração paranista -

ondas de calor, rajadas de frio - parece não mais que repetir trecho do "*Esboço Geographico do Paraná*" (1889) de Sebastião Paraná:

o homem postado no fio do seo dorso  
{da Serra do Mar} hade incontestavelmente sentir-se boquiaberto ante o espetaculo que a seus olhos irá pouco e pouco se mostrando {...} Tudo sentirá ! Ora o vento Septentrião passará quente como um desejo de moço, ora as brisas da Patagonia viram recordar-lhe as noites da Sibéria.

Este trecho do "*Esboço...*" é citado por Romário Martins no seu "*Paraná Antigo e Moderno*" {11}. O jovem autor (em 1900 completa 26 anos de idade), apesar de já ter prestígio no meio, ainda se sente inseguro e cede para outros, que considera mais gabaritados, a sua pena. Neste trabalho o mesmo vai ocorrer nas observações sobre a fauna paranaense, cuja caracterização geral Romário faz:

A fauna paranaense é farta das mais bellas especies de insectos, ophi-deos, aves, peixes, pachydermes, roedores etc, sendo que da ordem dos carniceiros possuimos exemplares lindissimos {12}.

Considerando-se incapaz de, na sua "prosa chilra", descrever em detalhes esta exuberante animália, transcreve longo trecho do livro de José Muricy - "*A foz do Iguassú*" - onde este autor, mais competente segundo Romário, narra as suas aventuras em uma viagem realizada em 1892 pelo interior do estado em direção àquela cidade.

Vinte e poucos anos mais tarde, já em sua maturidade, Romário, como deputado, apresenta projeto que se transforma na lei nº 2296 de 4 de abril de 1924 regulamentando a caça e a pesca no Paraná. Em seus artigos proíbe a caça de aves e quadrúpedes, exceto "carnívoros", no período compreendido entre os meses de setembro a março. A pesca fica proibida na época da piracema. Ficam estabelecidas licenças anuais para caça com valor de 100\$000 para caçador profissional e 10\$000 para "simple sport venatório". No caso de pessoa "reconhecidamente pobre, residente na localidade onde exerça a caça para alimentação de sua família a licença será gratuita". Segundo a lei as multas aplicadas variam de 20\$000 a 500\$000 conforme a fortuna do infrator {13}.

A preocupação ecológica de Romário Martins não é meramente reguladora. Compreendendo o importante papel da educação no processo de civilização, e muito antes da atual onda de educação ecológica, prevê no artigo 10º que:

Aos professores, ruraes principalmente, recomendará a Inspectoria Geral do Ensino que façam prelecções sobre a utilidade das aves silvestres e a conveniencia da conservação das que são naturaes auxiliares dos homens nos trabalhos agrícolas {14}.

Para aqueles que se espantam com a justificativa da utilidade como argumento para a conservação das espécies, deve-se lembrar a mentalidade predatória da época, para a qual "os ani

mais silvestres são perniciosos à lavoura, abrangidas todas as suas espécies na mesma errada e tendenciosa suposição". Assim na justificativa do seu projeto e apoiando-se no biólogo Von Ihering, Romário defende a idéia de que do ponto de vista da natureza todos os indivíduos são "úteis para o equilíbrio e harmonia do conjunto" (15).

Neste tópico, e também em outros se verá, é inegável a importância que a noção de utilidade tem para a obra romariana. O próprio projeto de civilização que propõe é por si só fruto de um pensamento vincado por uma moral utilitária. Sendo impossível impedir de todo a caça e a pesca fora das "condições exigidas pela nossa subsistencia, tentemos, como nos cumpre, oppor-lhes os obices adoptados por todos os povos previdentes e civilizados". Portanto, a idéia de oppor dificuldades à caça e pesca, para Romário, além de nobre, é útil:

é nobre porque reconcilia o homem com os demais representantes da natureza animada, chama-o à razão das cousas, fal-o sensível á grandeza da criação, desperta-lhe os sentimentos altruísticos, - o seu amor á ordem, á construção e á belleza. é útil porque, da não exterminação das espécies animaes alludidas, dependem para a humanidade condições economicas insubstituiveis, que nenhum homem de alguma observação desconhece (16).

Se beleza aqui é caracterizada como um sentimento que enobrece o homem, adiante, depois de uma longa citação de "L'oisau" de Michelet, onde o historiador francês critica as

tribos caçadoras por nada produzirem, Romário, comentando da importância e da utilidade das aves, diz que "*mesmo aquelas que são meramente decorativas da natureza vegetal devem ser relevadas, pois esta qualidade é por si mesmo uma utilidade*" (17).

Se a topografia, a hidrografia e o reino animal contribuem para criar uma imagem do Paraná como se fosse uma ilha que se diferencia do continente Brasil, as suas riquezas vegetais naturais — o mate e o pinheiro — são elementos essenciais na relação do homem com a terra, não só por sua função econômica, mas também pelas características civilizadoras que emprestam a esta relação.

## 1.2 INDÚSTRIA EXTRATIVA

No período de maior atividade pública de Romário Martins (1900-1930), a economia do Estado foi sustentada pela erva mate e secundariamente pela exploração da madeira, em especial do pinho. A perspectiva econômico-utilitária que dará a esses temas reflete diretamente sua posição de intelectual da oligarquia local. Porém, a preocupação com a defesa das riquezas florestais, mesmo que limitada a essa perspectiva, em pelo menos dois momentos (1919 e 1944) ganha tons de crítica radical à devastação das florestas paranaenses.

### 1.2.1 O PINHEIRO

No 29 Congresso Nacional de Agricultura, realizado em 1908 na cidade do Rio de Janeiro, Romário manifesta-se contra o que ele chama de campanha contra o pinho, que vem a ser a "*isenção illegal de impostos de importação do similar europeu para as obras da Exposição Nacional!*", contradizendo legislação protecionista ao produto nacional. Colocando-se ao lado dos madeireiros do Paraná, registra os seus veementes protestos contra esta medida, afinal, "*comparado com seus similares, o pinho do Paraná tem vantagens eminentes. é mais forte, tem maior elasticidade, é mais bello, é docil á plaina, é esplendente ao polimento, e é nosso*" (18).

Não é só isso. Nesta magnífica árvore, além da madeira, tudo é aproveitável:

resina é aromática e medicinal; a casca e as folhas são de um grande poder calorífico e fornecem potassa e breu; os nós são de uma riqueza para obras de torno, como se póde verificar na secção paranaense da Exposição Nacional, extraordinariamente fortes e de um polimento que explende, semelhante á casca da tartaruga; e finalmente os fructos são deliciosos, grandemente substanciaes, e alimento quasi exclusivo dos indígenas durante o inverno (19).

Desta perspectiva, não é de se admirar que o pinho possa por si só modificar a situação econômica das regiões onde habita. E se a sua produção não atinge índices mais expressivos, não é por falta de trabalho do povo paranaense e nem por causa das reservas florestais do Estado, pois existia naqueles anos (1906 e 1907) setenta e três serrarias espalhadas por vários pontos do Estado representando uma soma considerável de capital e sacrifícios {20}.

Em 1944, observando a constante derrubada da cobertura florestal - acelerada com a expansão da lavoura cafeeira no norte, na década de 1930, sempre sem a preocupação da preservação ou do reflorestamento - Romário comenta a respeito da Lei nº 706 de 1907, que estabeleceu o Código Florestal do Estado, iniciativa da qual tomou parte:

A existência do Código protetor do mais rico patrimônio natural do Estado, não impedia em coisa nenhuma que as florestas continuassem a ser impunemente devastadas pela psêuda indústria das serrarias {21}.

Nos 36 anos que transcorrem da defesa dos madeireiros até a sua crítica, Romário apresenta dois projetos de lei onde procura adotar medidas para uma adequada exploração das madeiras sem prejudicar as nascentes e os cursos dos rios, bem como providenciar a reflorestação das áreas devastadas.

Sobre este último aspecto, o projeto de 1919 estabelece no parágrafo único do artigo 39:

Si dentro de 90 dias após o incio da derrubada de uma floresta de pinheiros o seu explorador ou proprietário não tiver dado começo à reconstituição da floresta, será impedido de continuar a derrubada e o terreno considerado vedado à exploração até que esta disposição seja inteiramente cumprida {22}.

Como se vê, uma medida bastante severa, ainda mais considerando que a mentalidade então dominante se caracterizava pela posição liberal de não intervenção nos direitos de exploração da propriedade individual. Assim, em 1926, na justificativa de outro projeto, o nobre deputado se manifesta mais de acordo com as regras do liberalismo.

As providencias constantes deste projeto não poderiam ir além daquillo que se póde conseguir no nosso Estado sem brusca incidencia com direitos envolvidos na exploração commercial de madeiras. O que se péde no projeto é quasi que tão somente a patriotica collaboração do interesse particular com o supremo interesse público ... {23}.

Em 1926, reconhecendo os limites em que podia atuar, o autor muda a proposta de 1919 para uma fórmula aceitável aos detentores dos direitos de exploração comercial das madeiras:

Art. 79 - São florestas de exploração as que jazem em terras de propriedade particular e onde a ação do Poder Público em seu beneficio se exercerá:

a) (...)

b) pela demonstração da inconveniência, para a comunidade como para o proprietário, das queimadas, das explorações desordenadas e da derrubada sem replantio {24}.

O art.8º estabelece ainda que o pinheiro, imbuia, cedro e peróba só terão o corte permitido para os meses de maio a agosto. Pelo art.9º fica instituída multa para aqueles que infringirem as disposições do artigo anterior. Que diferença de impedir a derrubada e vedar a exploração, constantes no projeto mais antigo {25}.

Porém seria não só injusto, como metodologicamente incorreto, demarcar esta como a derradeira posição do autor. No "O Livro das árvores do Paraná" de 1944, após reproduzir o texto de 1908, já citado, Romário percebe que a situação mudou e volta a insistir na necessidade do reflorestamento como uma obrigação "indeclinável do causador das derrubadas" {26}. Para responder a alegação de a área ocupada pela floresta se tratar de propriedade particular, podendo então ser utilizada ao bel-prazer do seu proprietário com objetivo de lucro, o autor recorre a uma palestra proferida pelo dr. Von Ihering na Universidade Popular de Piracicaba em 1910:

Isso de liberdade pessoal, em que tanto se fala, nem sempre tem cabimento. O homem que é membro da civilização moderna depende, com relação ao seu corpo, da higiene pública, e quanto à sua vida intelectual regem-no as leis do ensino. Mais tarde a Pátria o reclama para o serviço militar, a sociedade exige as suas funções políticas, jurídicas etc. Que haja, pois, mais uma restrição

que o impeça, aqui como em outros países, de derrubar matas, embora se trate de sua propriedade, sem prévia licença especial das autoridades {27}.

Aqui fica claramente expresso o princípio pelo qual sem restrições à liberdade individual em favor do bem comum uma determinada sociedade não alcança o estágio evolutivo da civilização. Identificar na história os elementos que determinariam no futuro esta evolução e intervir no que considera desvios do presente nesta senda aberta pelo passado, construindo símbolos que remetam para os valores constituintes da civilização, foi a tarefa que Romário Martins realizou.

A compreensão desse princípio, aliada à observação empírica da devastação das florestas paranaenses, sem replantio, que vinha ocorrendo há bastante tempo - como o demonstra as tentativas reguladoras de 1919 e 1926, e que se acentua espetacularmente com a expansão da cafeicultura no norte do Estado - é que nos explica a retomada, pelo pensamento romariano em 1944, da crítica ao liberalismo e da necessidade de intervenção no direito de propriedade na defesa do bem público, o que caracterizaria as sociedades civilizadas.

O valor simbólico do pinheiro para o projeto civilizador de Romário Martins, se não maior, é equivalente ao valor econômico-ecológico. A melhor imagem, em palavras, que esse símbolo ganha, provavelmente está na descrição que dele se faz na "Ex-libris" de Romário:

O Pinheiro alto, eril, de longos braços estendidos para os horizontes, - é o Paraná transfigurado no símbolo verde das esperanças que se realizam, da hospitalidade acolhedora dos advindos de todos os quadrantes do mundo, da afirmação de força e de altura incitadora das resistências para o trabalho e para as preocupações altruísticas {28}.

Símbolo da terra, mas também do homem paranaense - hospitaleiro, trabalhador, altruísta - o pinheiro confunde-se com a própria imagem deste homem. Alto, eril, forte e de braços abertos para o futuro auspicioso é o ideal que passa a caracterizar o tipo humano do Paraná. O pinheiro parece se ajustar perfeitamente à função simbólica que até mesmo um texto escrito toma a sua forma, ou serve de motivo para uma canção de escoteiros que em 1940 em uma viagem para São Paulo foram plantando pinhões pelo caminho {29}.

A força evocativa da araucária exacerbou a imaginação de Romário, que inventa a história do pinheiro que forneceu sombra para D. Pedro II descansar quando de sua visita ao Paraná. A história ganhou alento e até placa comemorativa do evento foi inaugurada, bem como foram organizadas excursões de estudantes ao local. Perguntado, durante a solenidade, qual fonte teria consultado para estabelecer aquele fato, Romário respondeu: "*Nenhuma. O pinheiro é tão bonito e me pareceu interessante...*" {30}.

Porém, não devemos tomar este exemplo como o método romariano de fazer história. Se na história paranaense, por infelicidade, nenhum fato marcante se passa sob um pinheiro, que pretende introjetar n'alma do povo como representativo de seu caráter, necessário se faz inventar uma história que, como se viu, cumpre sua função ao registrar as raízes de um passado vultuoso do qual se ergue um tronco forte e rijo em cujas alturas os galhos abertos indicam os rumos do porvir. Para Romário, citando Taine, a história é no fundo um problema de psicologia (31). Este é o método do forjador de símbolos.

### 1.2.2. O MATE

A vinculação da planta da erva mate com as florestas de pinheiros é notória. Em projeto de 1925 (32) o deputado Romário Martins já prescreve que os pinheiros dos ervais devem ser conservados, pois servem de natural e necessária proteção àquelas plantas. Durante a maior parte da vida do autor o mate permanecerá como o principal produto paranaense, assim, nada mais lógico que deixasse suas marcas na produção intelectual de Romário.

Em 1916 publica "*O Livro do Mate*" e "*Ilex-mate; chá sul-americano*" aparece em 1926 {33}. Estas datas marcam momentos graves para a economia paranaense, em virtude da queda brusca dos valores da erva exportada. A explicação para tal fato, em 1916, encontra-se tanto no início do cultivo do *ilex* no território da Argentina três anos antes, bem como na elaboração de leis tarifárias, por parte deste país e do Uruguai, que dificultavam a introdução da erva paranaense beneficiada (industrializada). Ao mesmo tempo, facilitavam a entrada da erva cancheada (beneficiamento primário) que iria alimentar a indústria moageira desses países. Em 1926, o governo argentino estabeleceu uma sobre taxa de 60% para o mate beneficiado, colocando novamente a economia paranaense em refluxo, no qual a atingirá a crise de 1929 e, finalmente, a proibição da importação feita pela Argentina em 1931 {34}.

Criticando o que considera uma afronta aos princípios do liberalismo econômico por parte dos argentinos com suas tarifas, Romário defende, por outro lado, a tributação favorável ao produto industrializado, por parte do Paraná. Justifica-a, primeiramente, como um direito histórico, pois está "*apoiada em razões lógicas que resultam de uma indústria regional de dois séculos de existência e em torno da qual outras, suas derivadas, tem notavel incremento, ocupando milhares de operários*" {35}. Como segundo argumento, defende o direito natural do Estado de beneficiar o produto, uma vez que é "*região de insuperável e espontânea concentração da Herva Mate*".

Estabelecendo direitos differenciaes para exportação desse producto em suas phases inicial e terminal de preparo industrial, o Estado do Paraná não o faz por egoísmo nem com excessos, mas de acordo com as melhores regras de orientação economica. Não impéde a saída da matéria prima; apenas estabelece differenças razoaveis entre dois processos industriaes, premiando des'arte aquele que mais vantagens offerece ao seu progresso, sem premir o outro que representa, para a vida economica paranaense a melhor organização de sua democracia rural {36}.

A idéia era premiar o progresso, isto é, o desenvolvimento industrial, porém sem sufocar uma produção econômica realizada artesanalmente com métodos antiquados - como era o caso da erva cancheada - que por sua abrangência ainda representava uma garantia de tranquilidade social. Assim, adapta-se uma política que não foge aos princípios liberais - de acordo com as melhores regras de orientação econômica - ao que a realidade impõe de imediato e que não se encontra nas teorias das cartilhas econômicas. Mesmo porque, segundo Magnus Pereira, "*em decorrência da exploração do mate em larga escala, generalizaram-se no Paraná as relações socio-econômicas de livre mercado*" {37}.

Como no tópico anterior, a importância simbólica do mate, representada por suas propriedades alimentícias, higiênicas e medicinais, é tão grande quanto a econômica. Se a imagem do pinheiro transfigura-se na do corpo do homem paranaense, o mate torna-se a seiva que lhe garante a força física e a potência

moral. E mais, como principal produto de exportação, por suas qualidades excepcionais, não deve ser comparado ao chá da Índia, cabendo ao governo propagandear que o "*Mate é um grande bem que levamos ao estrangeiro e não uma droga máisã ou uma bebida á mais do genero de suas similares*" {38}.

O próprio Romário reconhece que a utilidade do mate não é exclusiva da economia e nos dá uma descrição de todas as possibilidades do chá:

A influencia social do Mate não oferece somente este aspecto de incentivo ás construcções do nosso progresso material. Ella se manifesta ainda como bemfeitora das collectividades ruraes sul-americanas que a tem por habito e que a tomam quotidianamente, salvando-se assim da influencia do alcool, esse dissolvente physico e moral que devasta os individuos ...

A compleição physica do nosso caboclo e dos nossos homens do campo para a actividade material que supportam nos trabalhos rudes a que se dedicam e a suas resistencias para as grandes caminhadas; a sua relativa imunidade em face de diversas molestias e entre estas as febres palustres; o seu bom humor inalterado e a bravura das suas resoluções; a alimentação de que vivem sem inconvenientes ( a carne e o feijão) enfim, tem sido attribuidos ao uso e até mesmo ao abuso do mate, que assim presta um serviço relevante a essas populações como bebida de temperança, como estimulante do systema nervoso cerebro-espinhal, como febrifuga e estomachica e notável estimuladora da nutrição, de qualidades dynagraphoras sem equivalentes siquer em qualquer bebida dentre as suas similares" {39}.

E ainda mais. Se o pinheiro é alto e eril indicando os caminhos, a erva-mate indica o lugar do futuro, pois ela "*não viceja nas baixadas. Elevar-se, é o seu designio. O planalto é o seu habitat*"{40}. As propriedades nutritivas do mate servem como alimento barato, propiciando ao homem forças para resistir às fadigas e doenças do corpo e do espírito, permitindo que se entregue a jornadas estafantes com pouca despesa. O pinheiro e a erva-mate, simbolicamente, fornecem a forma e a energia de uma civilização que vai se forjando pelo trabalho.

### 1.3 SEARA

#### 1.3.1 AGRICULTURA

Em seu opúsculo de 1900 (Paraná Antigo e Moderno){41}, Romário Martins já observava os perigos de se assentar a economia paranaense com exclusividade na exploração extrativista. A indústria do mate tomava ares de "*monocultura*", entorpecendo a iniciativa em outras áreas; e a madeira ainda se ressentia dos métodos que não seguiam as prescrições científicas para seu melhor aproveitamento. O clima, a situação geográfica, o relevo -

com suas altitudes diversas - e a feracidade do solo possibilitariam que nas terras do Estado, fossem produzidos cereais europeus como trigo, cevada, centeio, oferecendo também, condições para o plantio da cana de açúcar, do café, do algodão e do tabaco, produtos típicos de origem tropical (42).

Apenas oito anos depois de ter manifestado suas preocupações, é com júbilo que Romário descreve o que se pode observar em uma viagem de trem de Curitiba ao segundo planalto:

O pinheiro resplandece por toda parte transpondo os tufos arbustivos; e as searas do europeu laborioso, com intermitências de campo, descrevem de um e do outro lado da linha o poder da actividade agrícola, que a zona inculta rápida se transforma no maior fastigio do labor rural.

Tudo floresce em torno: ora é o vinhedo que se alarga esbatendo o verdor da coxilha, ou o centeial de um oiro pallido que ondeia como um oceano sobreposto á vastidão intermina dos campos, ou ainda é o milho alinhado que se perde de vista, alongando a haste eril como se comprehendesse a sua missão de conquistador das terras abruptas (43).

Dos elementos que compõem esta descrição cabe ressaltar, neste momento, o poder da actividade agrícola, ao qual o autor devota cada vez mais o papel primordial na formulação de seu projeto civilizatório. Em 1909, na apresentação da proposta de criação de uma colônia infantil - naquela época os meninos de

rua atendiam pelo nome de menores desvalidos - justifica que a nova instituição terá como base o ensino agrícola, "reconhecido como o mais eficaz como agente educativo, como o que conduz, com mais segurança, à prática metódica do trabalho e dos bons costumes" (44). Romário está, na verdade, reproduzindo o empolganento com a educação como principal alavanca do progresso do país. Para a elite nada melhor do que educar pelo trabalho.

A Escola Agrônômica do Paraná e o Ensino Ambulante Agrícola também foram criados a partir de iniciativas legislativas do Deputado Romário Martins, pois:

é, ainda, na agricultura que nós fundamos tôdas as nossas esperanças, para podermos sair ilesos das dificuldades atuais que tanto nos oprimem ...

{O Congresso Estadual} bem avaliando as vantagens que advirão da nossa educação agrícola, tanto quanto seu entender que nessa educação repousa o nosso futuro econômico ... {aprovará o projeto} (45).

Contudo, é na segunda metade da década de 1930, quando já se prenunciavam os dias de sombra que se abateriam sobre a humanidade, que Romário, em discurso de colação de grau da turma de engenheiros agrônomos formados pela escola que ajudou a fundar, depois de agradecer o título de doutor em agronomia que lhe fora outorgado, bem como ao Interventor do Estado, Manoel Ribas, vai fazer a melhor defesa da agricultura:

Em meio da agitação em que estão todas as almas batidas pelas confusões, pelas ambições, pelas paixões, - de que quadrante cultural e social ha que esperar a pacificação e a ordem? Do Direito, da Força, da Justiça, dos Homens, dos Regimens?

Todos, sem dúvidas são meritorios fatores da organização e do progresso sociais, que se almeja e se espera, porém o fator integral, intrínseco, resolutivo, - é o economico {...}

E quem o hade resolver {o problema econômico}?

Sem dúvida nenhuma aqueles que se prepararam para fazer a terra produzir, pois a economia nacional do nosso Paiz hade suster-se, - antes do que em tudo o mais, na produção de alimentos e de materias primas vegetaes e animaes {46}.

A pompa e circunstância de que se reveste o evento onde está sendo proferido o discurso, o coloca em posição estratégica para entendermos mais um pouco do pensamento romariano. O incorrigível otimista, como a si mesmo qualifica, aborda a questão secular da estrutura agrária brasileira: "*Outro problema a resolver é o das grandes áreas de terras produtivas que continuam na posse rotineira de poucos*". Mais adiante complementa:

Entretanto a terra não falta, mas são poucos os que a possuem em condições exploráveis e que a detem inculta. A terra inculta a ninguém é útil. Economicamente apreciada, prejudica a todos. Nenhum homem fez a terra, observa Stuart Mill. Ela é a herança primitiva da espécie humana inteira. Sua apropriação é inteiramente uma questão de utilidade geral. Se a propriedade privada da terra não é útil, ela é injusta {47}.

Desta maneira, que se pode chamar de radical, levando-se em conta que o emissor de tais palavras privou por mais de trinta anos do convívio com a oligarquia dominante no Estado, ele próprio um "coronel" da "república dos coronéis", e que a sua audiência era composta pela elite política, econômica e intelectual da época, é que o autor toca na sensível questão da posse e propriedade da terra, problema ainda hoje longe de ser resolvido. O que Romário propõe, basicamente, é que no caso da propriedade individual conflitar com o interesse comum - na linguagem de Mill "*utilidade geral*" - perdendo desta forma sua utilidade, torna-se, esta propriedade, uma injustiça. Não é dito pelo autor, Romário não vai tão longe, mas abre-se a partir do que disse sobre a terra, a possibilidade de desapropriá-la e distribuí-la, ou seja, terra para quem nela trabalha.

Para quem está acostumado a ver Romário Martins apenas como historiador regional, de corte positivista, ou como inspirador de movimento regionalista como o Paranismo, talvez esta análise do seu discurso pareça forçada. Entretanto, em um texto posterior, publicado pelo menos quatro vezes, preocupado com a criação de condições para o aproveitamento do "caboclo" - reserva de energia econômica, social e espiritual, e matriz étnica formadora original da nacionalidade no processo de evolução social da nação - Romário destaca para o fator terra que: "*O solo hostil e a propriedade incerta, geram derrotas do trabalho*". Portanto, no seu programa de ampliação das Escolas Rurais para socialização do caboclo, a primeira solução que apresenta quanto a assistência às famílias é: "*Garantia da terra*" (48).

Por outro lado, o autor que foi o mais ardoroso combatente pelos direitos do Paraná na questão de limites com Santa Catarina não publicou nenhuma linha sobre a revolta sertaneja do Contestado (1912-1916) até 1937, quando então publica sua versão definitiva da "*História do Paraná*" (49). Nesta, a revolta é incluída no capítulo "*Militária*", e os sertanejos - caracterizados como representantes dos "*primitivos aborígenes*" do país e mestiços - eram apenas bandos de fanáticos cuja credulidade e ignorância era explorada por indivíduos inescrupulosos. Relevando-se o fato de que em 1937 o autor considera a presença da autoridade política e da escola como asseguradoras da incitação destas populações à civilização, não há nenhum vislumbre de que relacione, em um fato concreto, a posse da terra com a manutenção da estabilidade da ordem para o progresso. O que, no entanto, não impede que suas preocupações sejam antecipadoras dos graves conflitos de terra que ocorreram no Paraná nas décadas seguintes, por exemplo, Jaguapitã (1947), Forecatu (1951) e Fato Branco (1957).

A civilização forjada na obra do historiador paranaense sustenta-se economicamente na agricultura e esta, por sua vez, deve basear-se na pequena propriedade produtiva. O exemplo a ser seguido é o das colônias dos imigrantes. Recebendo aquilo que foi dado ao imigrante - facilidade para adquirir um lote de terra - o "*nosso caboclo*" poderia participar da democracia rural paranaense. Porque o homem do Paraná:

Creou, sim, uma democracia pacífica, de fundo camponês, de caráter rural, de pequenos proprietários, que possibilitou sua estabilização, que lhe formou a psicologia, que lhe assegurou o equilíbrio de sua vida econômica {50}.

É na história regional que se encontra o fator de distinção: "*No território que é hoje o Paraná as grandes sesmarias ao tipo das do Norte, concedidas aos senhores de engenho para a cultura da cana, do café, etc não existiram*" {51}. Assim, a vocação agrícola e o mito da democracia rural do Estado desenvolvem-se e alimentam-se mutuamente ao longo da história.

### 1.3.2 "ZEIDORA": MÃE DO TRIGO

Em 1928 Romário Martins é nomeado diretor do recém-criado Departamento de Agricultura. Neste cargo, seguindo a orientação do Presidente do Estado, pela qual o progresso e a civilização só seriam alcançados pelo Paraná quando o trabalho de sua população rural estivesse organizado, desenvolveu com diligência as suas responsabilidades {52}.

Sua atuação está sintetizada na "Cruzada do Trigo", um programa composto por pelo menos quatorze atividades, dentre as quais se destacam: três "Comboios do Trigo" formados cada um

por um trator, um arado de discos, uma grade, uma semeadeira, uma ceifadeira, uma trilhadeira, um caminhão e uma carreta percorrendo os municípios do Estado; aquisição, para distribuição, de sementes de trigo produzidas no Estado e importadas da Argentina; organização da "União Rural Paranaense" com 145 sociedades regionais de agricultura afiliadas; instalação de moinhos; distribuição de máquinas e adubos químicos; ampla propaganda da cultura do trigo e publicação da revista "Semeia, Semeador" (53).

Se até agora a utilização da imagem dos frutos naturais da terra e ela própria eram usadas para compor a simbologia da civilização paranaense, o cultivo do trigo representa por si só um índice de cultura. Porém, como foi visto, a imagem do Paraná construída por Romário transforma-o em uma nova terra prometida - a Canaã onde plantando tudo dá. Então, pergunta-se, por que o trigo e não o milho, originário da América, sustentador das civilizações pré-colombianas, e cuja cultura já tinha recebido atenções especiais em 1918? Por que não o centeio, planta a que os imigrantes europeus, em especial os eslavos que justamente foram os que afluíram em maior número para o Estado, estavam habituados? Por que não a mandioca que, segundo Alcidez Munhoz, resolveria o problema do pão brasileiro bem como seria responsável pela integração norte-sul do país? Ou ainda, por que não o cultivo do arroz, em torno do qual cresceram as grandes civilizações do oriente? (54)

A resposta parece estar no fato de que "*o Trigo representa para a vida humana o mais alto factor agrícola de riqueza, de prestígio e de civilização*" (55). O trigo simboliza civilização, sim. Uma determinada civilização. No dizer de Fernand Braudel "*O trigo é antes de tudo o Ocidente*". Mas é só entre 1750-1850, continua o historiador francês, que a Europa realiza a revolução do pão branco - pão dos ricos - quando então o trigo substitui os outros cereais. E durante o século XIX avança para outras partes do mundo - América, África e Austrália - "*Afirmando por toda parte, pela sua presença, a expansão característica da civilização européia*" (56).

Identifica-se, desta forma, através do trigo, o modelo de civilização almejado por Romário Martins. Modelo que imagina ter aprimorado, uma vez que os conflitos e distorções causados pelo industrialismo não apareceriam em uma civilização de base econômica rural.

Assim como faz para outros elementos do seu projeto, Romário vai buscar na história regional o endosso para as pretensões civilizadoras do Paraná. No histórico que inicia o libreto "*Plantando, dá! Esforços e Resultados da 'Cruzada do Trigo'*", destaca que em 1610 o padre Roque Gonzales plantou trigo em Santo Inácio Mini, portanto o "*território de que se constitui hoje o Estado do Paraná foi uma das regiões onde primeiro se*

*cultivou Trigo no Brasil*" (57). Desde então, segundo o autor, o trigo não deixou de ser cultivado no Estado e os exemplos vão seguindo a linha do tempo. Desta forma, para legitimar o projeto de civilização que constrói, o autor cria um mito de origem que explica - e conforme Marc Bloch é uma explicação completa - de maneira suficiente os desígnios que estabelece para o Paraná.

CAPITULO 1

NOTAS E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- {1} MARTINS, Romário. Eu; notas auto-biográficas. Curitiba : Flácido e Silva, {1931}. p. 13.
- {2} MARTINS, Romário. O Socialismo. Curitiba : Popular, 1895. p. 8
- {3} MARTINS, Romário. O Paraná antigo e moderno. Esboço de um livro. Curitiba : Annibal, Rocha e Comp., 1900. p. 27.
- {4} BRANCO, Joaquim. Suggestão ao Paraná. São Paulo : Diário Oficial, 1919. p. 17, 10.
- {5} Aqui vai a propaganda de uma terra admirável, quase desconhecida dos estrangeiros, eu espero que minha audácia {de escrever em francês} ilustrará a divulgação do progresso e das belezas naturais do meu Paraná - nova Channann do novo país dos sonhos ocidentais, onde bando de aves volteiam no ar, onde as florestas são ocultos tesouros onde as montanhas são de ouro e os rios de esmeralda, onde os luares são envolventes e os nasceres do sol têm a cor das rosas frescas.  
MUNHOZ, Alcides. Le Paraná pour l'étranger. Curitiba : Econômica, 1907. p. 10-11.
- {6} CORREIA, Affonso. Conferência Paranista. {S.l. : s.n.}, 1928.
- {7} MARTINS, Romário. O que é o Paraná. (A terra e o homem). Curitiba : Comissão de Colonização do Paraná, 1907. p.16
- {8} MARTINS, Romário. Exposição Nacional, Rio de Janeiro. 1908. Catálogo do Estado do Paraná, agricultura, várias indústrias, artes liberaes, pecuária. Rio de Janeiro : M. Orosco, 1908. p.34
- {9} MARTINS, Romário. Alguns aspectos do Paraná. Curitiba : 1918. p.14
- {10} MARTINS, Romário. História do Paraná. 3.ed. Curitiba : Guaíra, {ca. 1950}. p. 25
- {11} MARTINS, Paraná antigo ..., p.34.
- {12} Ibid., p.12.
- {13} MARTINS, Romário. A caça e a pesca no Paraná; lei e sua justificativa. Curitiba : {s.n.}, 1924. p.5-6.
- {14} Ibid., p.6.
- {15} Ibid., p.9-10.
- {16} Ibid., p. 10.
- {17} Ibid., p. 11-14.

- {18} MARTINS, Romário. O pinho do Paraná e as suas necessidades. Curitiba : Econômica, 1909. p. 6-7.
- {19} Ibid., p. 7.
- {20} Ibid., p. 11.
- {21} MARTINS, Romário. O Livro das árvores do Paraná. Curitiba : Paranaense, 1944. p.101.
- {22} Ibid., p.
- {23} Ibid., p. 141-142.
- {24} MARTINS, Romário. Código Florestal. Estado do Paraná. Curitiba : {s.n.}, 1926. não paginado.
- {25} Ibid.
- {26} Id., O livro das árvores..., p. 195-198.
- {27} Ibid., p. 198.
- {28} ANEXO ICONOGRAFICO. Figura 06.
- {29} ANEXO ICONOGRAFICO. Figura 02, 03, 04 e 05.

Canção do Pinhão

Nós somos os "lobinhos"  
que estamos chegando  
dos largos planaltos,  
dos pinheirais.

Viémos plantando  
por tódo caminho,  
a semente da árvore  
que faz o tétó,  
que faz a meza,  
que faz a cama,  
que faz o esquife,  
no nosso págo.

Que cresça aqui!  
Que seja um simbolo  
para o Brasil!

Que suba ás nuvens!  
Que abra os galhos!  
Marcando alturas,  
abrindo rumos para o porvir!

ARQUIVO PUBLICO DO PARANA. Documentos de Romário Martins.  
Caixa 6.

- {30} HORNER JR., Valério. Paraná, um eterno amor. Gazeta do Povo, Curitiba, 22 dez. 1991. Viver Bem, p. 24.

- {31} MARTINS, Romário. Psychologia da placa. Curitiba : Correia e C., 1900. p. 3.
- {32} MARTINS, Romário. Código da herve-mate; Estado do Paraná. Curitiba : {s.n.}, 1925.
- {33} MARTINS, Romário e ABREU FILHO, Alberto de. O Livro do mate. São Paulo : Weisflog Irmãos, 1916.
- MARTINS, Romário. Ilex-mate; cha sul-americano. Curitiba : Paranaense, 1926.
- {34} PADIS, Pedro Cahil. A Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná. São Paulo : Hucitec, 1981. p. 47-66
- {35} MARTINS, Ilex..., p. 271.
- {36} Ibid.
- {37} PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Fazendeiros, industriais e não morigerados. Ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). Curitiba, 1990. Dissertação, mestrado. Departamento de História, Universidade Federal do Paraná. p. 2.
- {38} MARTINS, Ilex..., p. 10.
- {39} Id., O Livro do mate..., p.16.
- {40} Ibid., p. 24.
- {41} Id., Paraná antigo..., p. 53.
- {42} Ibid., p. 27.
- {43} Id., Exposição nacional..., p. 20
- {44} MARTINS, Romário. Terra e gente do Paraná. Curitiba : Paranaense, 1944. p.
- {45} Ibid., p.
- {46} MARTINS, Romário. Escola agronomica do Paraná. Turma de agronomos de 1937. Curitiba : {s.n.}, 1937. p. 3.
- {47} Ibid., p. 6-7.  
A referência a Stuart Mill, pode ser uma pista para compreender-se a noção de utilidade recorrente na obra romariana. Isto se, concordar-se com a análise de Raymond Willians sobre a obra do utilitarista inglês, posterior a 1840, que seria dominada por dois temas: a extensão dos métodos e objetivos da reforma utilitarista aos interesses da classe operária que surgia, e o esforço por conciliar o governo democrático com a liberdade individual. Por este motivo, o utilitarismo de Mill, segundo

Willians, poderia ser chamado de ampliado e humanizado. Guardadas as devidas proporções e interessado em outros temas, mas correlatos àqueles, pode-se, pelo menos res-  
tritamente, aplicar ao utilitarismo de Romário Martins o  
adjetivo humanizado. WILLIANS, Raymond. Cultura e socie-  
dade. 1780-1950. São Paulo : Nacional, 1969. p. 71-89.

- {48} MARTINS, Romário. Escolas rurais especiais para a educa-  
ção e socialização do caboclo. Boletim do Instituto  
Histórico e Geográfico Paranaense, ano 5, n. 9, mar  
1940. 2ª fase. p. 1-14.  
MARTINS, Romário. Paiquerê. Mitos e lendas. Visões e as-  
péctos. Curitiba : Guaira, 1940. p. 161-176.  
MARTINS, Romário. Quantos somos e quem somos. Dados para  
a história e a estatística do povoamento do Paraná.  
Curitiba : Paranaense, 1941. p. 203-214.  
MARTINS, Romário. Escolas rurais especiais para a educa-  
ção e socialização do caboclo. Revista da Academia Pa-  
ranaense de Letras, Curitiba, ano 4, n. 11, 1946. p.  
195-203.
- {49} Id., História..., 3.ed., p. 252.
- {50} MARTINS, Romário. Quantos somos e quem somos. Curitiba :  
Paranaense, 1941. p.7-8.
- {51} Id., Terra e gente..., p. 165.
- {52} MARTINS, Romário. Plantando, dá ! Os serviços officiaes de  
agricultura do Estado do Paraná. Curitiba : Departamen-  
to de Agricultura, 1930.
- {53} MARTINS, Romário. Plantando, dá ! Esforços e resultados  
da "Cruzada do Trigo" no Estado do Paraná, 1928-1930.  
Curityba : Paranaense, {1931}. p. 8-9.
- {54} GOMES, Raul e ROCHA JUNIOR, L. O milho no Paraná. Coriti-  
ba : Globo, 1918.
- MUNHOZ, Alcides. O Pão brasileiro. (problema economico-  
social). Curityba : Economica, 1912.
- {55} MARTINS, Plantando, dá ! Esforços..., p. 19.
- {56} BRAUDEL, Fernand. Civilização material e  
capitalismo. Séculos XV-XVIII. Lisboa : Cosmos, 1970.  
Tomo I. p. 86, 88, 114.
- {57} MARTINS, Plantando, dá ! Esforços ..., p. 3.

## CAPITULO 2

### HOMEM

## 2 HOMEM

Em nenhuma parte do Brazil eu havia visto tantos homens verdadeiramente brancos, como no distrito de Curitiba.  
Saint Hilaire.

Clima, solo e situação geográfica permitem a Romário Martins, acompanhando e influenciando seus contemporâneos, corroborar a afirmativa de Saint Hilaire de o território paranaense ser um paraíso. Estas condições naturais, porém, não são as únicas potencialidades do Estado. Na verdade são apenas propiciatórias de circunstâncias favoráveis à realização, pelo homem do Paraná, de sua alta missão na vida brasileira (1). Preocupado em criar uma identidade, ao mesmo tempo em que procura reconhecer um ideal de capacidades civilizatórias, a obra de Romário estuda o homem do Paraná na sua formação histórica, composição étnica e perfil psicológico. Durante o período de produção da obra romariana encontra-se livros, capítulos, folhetos e artigos dedicados ao estudo do homem paranaense. Dos caiçaras do litoral aos imigrantes europeus, do índio ao caboclo, do português ao negro, todos são fontes de estudos e comentários do autor.

Em 1900, por ocasião do 40º centenário do descobrimento do Brasil, o esboço de um livro é publicado sob o título "*O Paraná Antigo e Moderno*". Nele, o autor procura dar notícia ao Paraná que está vendo ("*moderno*") como sendo fruto do desenvolvimento natural e ordenado daquela "*Terra!...*". Terra onde antigamente vivia o "*gentio brasileiro*" de difícil classificação quanto à sua origem e espécie, mas uma "*raça antiga e valorosa*" de lendários vultos cavalheirescos {2}. Com os primeiros movimentos de colonização chega a "*primitiva raça paulista (...)* audaciosa e empreendedora" {3}. Neste opúsculo, Romário tratará dos contingentes da população paranaense, discutindo várias estatísticas e suas divergências sobre o número de habitantes do Estado, então sofrendo o impacto de uma forte corrente imigratória. Também a imigração, e neste livro em especial a alemã, recebe as atenções do autor. A falta de referências aos negros é resolvida sete anos mais tarde em "*O que é o Paraná*", quando "justifica" estatisticamente a pouca contribuição destes na formação étnica do paranaense.

Assim como a de outros estudiosos preocupados em identificar o homem brasileiro, as análises de Romário são eivadas de preconceitos. Entretanto, interessa ressaltar aqui, que a perspectiva desse trabalho não é a localização e nomeação desses pré-julgamentos, e sim compreender a construção da imagem-identidade do homem do Paraná feita por Romário Martins. O ponto de

partida desta abordagem é a constatação de que, em toda a sua obra, o autor esteve preso à concepção de população como uma pluralidade de raças, jamais, em momento algum, concebendo esta população como povo, no sentido de uma coletividade de cidadãos (4).

A análise que segue está centrada no livro "*Quantos somos e quem somos*" (5), principal contribuição de Romário ao estudo da população do Estado do Paraná. A importância deste livro não está apenas no papel que ocupa na obra romariana, mas também por ser o ponto de partida para os estudos de toda uma geração de historiadores preocupados em "*refazer, à luz de novos métodos e técnicas operacionais, a História que Romário julgou fazer*" (6). Observe-se que estas conquistas são operacionais, portanto restritas a métodos e técnicas de levantamento e tratamento de dados empíricos, e não de postulados teóricos que permitiriam, não refazer, mas fazer a história que Romário não fez. Assim, aqueles historiadores procuravam estabelecer cientificamente os "quantum" da população paranaense no passado. Dentro desta perspectiva, as críticas ao autor ficaram diluídas sob a justificativa de ele estar dentro das possibilidades do seu tempo, limitado e norteado pela conjuntura em que produziu a sua obra. Os métodos e critérios que utilizava na quantificação da população não eram reconhecidos do ponto de vista acadêmico, uma vez que os mesmos permitiriam, inclusive, divergências numéricas entre uma obra e outra. Neste trabalho o interesse não é esse.

## 2.1 O INDIO

A forma como Romário Martins concebe o índio em sua obra é tributária do romantismo indianista do século XIX. Nesta perspectiva, localiza no natural da terra qualidades físicas e morais superiores que, transmitidas através de seus mestiços, contribuem para a formação da população brasileira. Dentre os grupos indígenas, o guarani em especial, ganha destaque.

Do apogeu a que chega a adaptação social do gentio guaireño conduzida pelos jesuítas, ficou a certeza da aptidão da raça guarani para sua evolução,- da sua capacidade de adaptação às organizações do homem europeu, das suas admiráveis qualidades físicas de resistência às mais árduas atividades, das suas virtudes morais e do seu caráter perseverante, da sua diligente inteligência e acuidade observadora {7}.

O beneplácito com que a ação jesuítica é vista na condução do silvícola para a civilização contrasta com a dura crítica do anti-clerical de mais de quarenta anos antes: "*O jesuíta rompia as selvas e traficava o selvagem!... Em vão os índios emboçando as buzinas, estridulavam no ar os seus sons de guerra... O padre ia bem armado, dava-lhes caça e os escravizava!...*" {8}. Comentando as diferentes posições de Romário, (por sinal, completamente opostas), na sua "*História do Paraná*" de

1899 e a escrita na década de 1930, Loureiro Fernandes, em discurso proferido na sessão fúnebre do Instituto Histórico, realizada a 10 de outubro de 1948, em homenagem ao autor falecido naquele mesmo ano, diz que a mudança de posição não admite contradição e sim lealdade do historiador: "*Romário Martins, face a posterior documentação idonea que teve em mãos, não vacilou, em refazer o caminho palmilhando as veredas da verdade histórica*". E complementa que apesar do anti-clericalismo do início do século, foi a "*forte personalidade*" que permitiu ao autor fazer a citada revisão {9}. A aproximação de Romário do catolicismo, aparentemente inicia-se em fins da década de 1910 e começo dos anos 20, conforme é possível detectar pela troca de correspondências com alguns prelados, e reflete-se na sua obra com a publicação em 1922 de "*Bi-centenário de uma santa*" e "*Como se fez a nossa independência*", onde destaca a participação do cônego curitibano Ildefonso Xavier Ferreira nos acontecimentos de 1822 em São Paulo {10}. Por outro lado, não se deve descartar o esforço da Igreja Católica no combate ao anti-clericalismo, avançando em vários setores da sociedade na capital paranaense, no período, principalmente sobre aqueles formadores de consciência {11}.

Os guaranis, por seu turno, têm reconhecida sua capacidade de evolução, ou seja, de saírem do estágio primitivo em que viviam em direção à civilização, quando "*adaptam-se*" a organização social implantada pelo branco europeu. Nesta nova sociedade, a qualidade física para resistir a duras atividades, a

perseverança, a inteligência e a acuidade observadora dos índios são habilidades aceitas e que recebem uma valoração bastante positiva {12}. Porém, a aptidão do guarani para a civilização que se construía no Brasil, e em particular no Paraná, não é restrita a estas capacidades:

Entre os usos e costumes da família e da sociedade guaranis, contam-se os seguintes, dignos da mais alta civilização:- a respeitosa comunidade de convivência de famílias aparentadas em uma mesma tába; o culto dos mortos, geral entre todas as tribus; a hospitalidade praticada até mesmo com os inimigos, levada ao ponto de infamar aos que transgrediam esse ponto de honra da raça; o respeito às esposas, que jamais maltratavam; a veneração aos seus cantores, que "seguros viajavam poetizando e cantando por entre os contrários, bem acolhidos de todos, como os trovadores da idade média"; o amor paternal levado aos máximos desvelos pela próle; o estoicismo que demonstravam ante o sofrimento e até mesmo ante a morte; a amizade aos animais domésticos, que criavam por prazer e que jamais matavam; o desconhecimento absoluto do roubo; o respeito aos germes da vida, na tácita proibição à colheita de ovos dos pássaros silvestres; a boa fé e o desprendimento, enfim, de que nos fala Pero Vaz de Caminha, primeiro crônista europeu que entrou em contacto com o índio brasileiro e que no-lo mostra confiante, na nau capitânea dos descobridores do nosso país, ao ponto de jogar cavalheirescamente ao chão as suas armas leais, o que levou Cabral a dizer, numa clara visão do futuro:- "São mais nossos amigos, que nós deles" {13}.

Aqui, ao lado da visão idílica herdada do romantismo, Romário está maravilhado com as potencialidades civilizadoras dos índios guaranis, não só nas suas estruturas física, moral e intelectual, mas agora também demonstradas nas suas normas e preceitos de ordem social. Em uma aparente exaltação, promove, por um lado, a negação destes costumes enquanto pertencentes a uma sociedade com suas próprias instituições autônomas e, por outro lado, identifica-os como valores positivos só na medida em que são passíveis de assimilação por uma sociedade civilizada.

Mas, quando os espíritos bélicos se agitam (1940), é a qualidade guerreira do índio guarani que é exaltada. Tem-se então a recuperação da figura do chefe guaireño, Guairacá, vencedor de batalhas contra os espanhóis na segunda metade do século XVI. Símbolo da resistência à conquista da terra brasileira, "*porque foi o único guerreiro indígena que não se aliou, para a defender, a nenhum invasor*", o chefe guarani convocava seus liderados com o grito de guerra:

*"Co ivi oguerecó yara ! (Esta terra tem dono)".*

Em 1601, Hernan Saavedra, governador do Paraguai, expande seus domínios sobre as terras indígenas ao sul, nos pampas argentinos, e ao noroeste, na região do grão-Chaco. Porém, ao atravessar o rio Paraná em tromba de guerra, graças a ardilosa engenharia de defesa montada por Guairacá, "*sua tropa, coroadada em toda parte, em Guaíra foi batida e dizimada*" {14}.

Em 1937 quando publicou "*História do Paraná*" Romário não traçou nenhuma linha sobre o cacique guarani, apesar de escrever sobre as derrotas de Saavedra em Guaira e sua sugestão ao rei espanhol de conquistar aqueles valentes gentios através da catequese {15}. Mas em 1939 já temos organizada a Comissão pró-Monumento a Guairacá, que enviará à Capital Federal, passando por São Paulo, caravana liderada pelo sr. Paulo Tacla, afim de propagandear a proposta de ereção de estátua do índio na orla da baía da Guanabara. A bem montada campanha publicitária, empolgada por várias entidades culturais paranaenses, liderada pelo Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná, alcança sucesso na formação do Grande Conselho Nacional do já agora Monumento Nacional ao Indio Brasileiro, presidido pelo Gal. Cândido Rondon e cujo Patrono Máximo é Getúlio Vargas. Na composição deste Conselho estão quatro ministros de Estado como vice-presidentes (Chanceler Osvaldo Aranha, Almirante Aristides Guilhem, General Eurico Gaspar Dutra e Doutor Gustavo Capanema) e um grande contingente de militares (36,9%), o que não é de se estranhar tratando-se da homenagem para um guerreiro {16}.

A guerra na Europa talvez tenha favorecido a difusão nacional de Guairacá, personagem da história regional. No entanto, ao fator externo, deve-se aliar no plano interno o esforço de construção da identidade nacional - brasilidade - que em paralelo à centralização do poder político se dava com a centra-

lização do poder simbólico, representada na supressão dos símbolos e bandeiras regionais pelo governo federal. A incorporação de Guairacá, como símbolo autóctone de brasilidade, representaria uma tática para amenizar o conflito entre poder regional e poder central, em um momento em que a unidade nacional estaria sendo ameaçada. Ressalte-se que esta suposta ameaça era mais concreta na região sul, de forte presença imigrante. Daí a aceitação do chefe guarani da região de Guaira para compor com sua figura a contribuição indígena à formação da gente brasileira. Além disso, a apropriação do dístico "*Esta terra tem dono*" por aqueles que estão promovendo a "*Marcha para Oeste*", e portanto preocupados em invadir e explorar as terras indígenas, não é apenas uma ironia cruel, mas também um sutil movimento de ideologia.

Regionalmente, a exaltação do herói guairenho não impede a ocupação de todo o território do Estado do Paraná, até o final da década de 1950, pela expansão da fronteira agrícola com a consequente expulsão e dizimação da população indígena {17}. Talvez a justifique. A figura de Guairacá e o seu lema também não impediram, em 1943, a intervenção do poder central retirando do Estado aproximadamente 50 mil km<sup>2</sup> para a formação do Território do Iguaçu.

A legenda de Guairacá terá um final melancólico. Devido ao envolvimento do país na guerra, é impossível se erigir a sua estátua. Ao final do conflito o Secretário-Geral do Movimento,

sr. Paulo Tacla, é acusado de malversação das verbas recebidas para o empreendimento e Romário se vê obrigado a responder ofício do Gal. Rondon pedindo explicações {18}. Mas, assim como Guairacá nasceu e ganhou asas no Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, é dali que virá seu tiro de misericórdia. No 2º Congresso Regional de História e Geografia do Paraná (1950), comemorativo do cinquentenário do Instituto, alguns congressistas sugerem ao governo do Estado, finalmente, a execução do monumento em Curitiba. Respondendo ao pedido, o sr. Loureiro Fernandes prova, com documentos, que este herói, longe de defender a terra, hoje paranaense, contra os espanhóis, a estes era aliado no objetivo de alcançar o Atlântico. E por fim, propõe Loureiro Fernandes a substituição de Guairacá por Virí, este sim, verdadeiro amigo do branco de origem lusa. Virí era chefe indígena de Palmas no início do século XIX, e ajuda os portugueses na *"descoberta e conquista dos vastos e opulentos campos por onde hoje se espalha a civilização brasileira"* {19}.

Para Romário Martins os traços étnicos do indígena demonstram não só a possibilidade de sua eugeniização, como a transmissão da inteligência, espírito de independência e liberdade ao tipo brasileiro, via mameluco, mestiço viril de qualidades incomparáveis. Desta forma, o autor encara o desprezo com que a civilização brasileira trata o caboclo, para ele reserva de indianidade esquecida no sertão, como um grande equí-

voco pois "é verdade incontestemente que o sangue indígena que formou a nossa população fundamental é a seiva melhor do tronco adústo da nacionalidade" {20}.

## 2.2 O AFRICANO

A frase citada acima pode dar a impressão de que, para Romário Martins, a contribuição do negro para a formação do tipo brasileiro é inferior à do índio. E seria correto. O que não implica em dizer que o autor não reconhece no caráter brasileiro a influência do negro. Pelo contrário, esta é manifestada pela "exuberância dos seus instintos afetivos, {concorrendo} para esse espírito de tolerância, de cordura e despreendimento, que forma o fundo de nossa psicologia" {21}.

São estes os sentimentos, "os melhores possíveis", desenvolvidos pelo negro, que trazido d'Africa, encontra no Brasil um dos mais cruéis regimes de escravidão. Em contraste com o índio, que com sua inteligência, independência e liberdade alimenta o espírito aventureiro e bandeirante da nacionalidade, as características do negro, identificado ao escravo, portanto ao trabalho, são aquelas que devem nutrir o trabalhador brasileiro: tolerante frente as condições adversas do trabalho, cordato diante da justificativa das dificuldades nacionais e despreendido de interesses mesquinhos.

Dos mestiços de negro, o mulato foi o mais notável, "por mais numeroso". Homens ilustres em todas as manifestações da inteligência eram desse tipo mulato, "embora nas suas camadas sociais secundárias possa ser responsável por certas fraquezas do nosso caráter" {22}. Fraquezas estas que Romário explicita na "História do Paraná" (1937), apoiando-se em Roquete Pinto: "pouca solidez de estrutura moral" e "pouco equilíbrio de caráter" {23}.

É nesta última obra que Romário trata mais abrangentemente da contribuição do "Africano Escravizado". Fala de sua procedência, línguas e religião. Nas artes foram detestáveis; eram polígamos e em geral, seu regime político democrático, havendo porém, monarquias {24}. O que sobressai, entretanto, é o reconhecimento de que os negros eram tratados "como matéria prima de consumo econômico". Este tratamento não era exclusividade dos portugueses pois espanhóis, ingleses e franceses também agiam da mesma forma {25}. Aliada a esta observação estava a teoria, em voga na época, e assimilada pelo autor, de que todos os povos, inclusive os "mais presumíveis de raça" são formados por tipos étnicos distintos {26}. E mais, que no Brasil em função da mestiçagem "se pode prever, ainda para este século, o desaparecimento total dos seus restantes índices etiôpicos na fisionomia da parte da população nacional que lhe é correspondente". A evolução étnica do país, mais rápida do que a de qualquer povo europeu, é também mais perfeita. Até em

confronto com outros povos da América, aqui o problema negro foi resolvido absorvendo o sangue de Cam no "*cerne da nacionalidade*", mesmo que por várias gerações ainda, o descendente de negro apresente "*vestígios de inferioridade sociológica e psicológica*" e que alguns dos "*nossos dissídios e desorientações*" possam ser debitados a etnia africana {27}. Está em desenvolvimento a construção da democracia racial no país.

A contribuição do negro na formação da "*sub-raça brasileira no Paraná*" é pequena, ainda que comparada com a do índio, comenta Romário no início do século. Na estatística de 1872, onde o etíope aparece com 10,41%, o caboclo aparece na proporção de 7,17%. Caboclo não é índio, e isto observa o autor, mas parece não ver que 7,17 é menor que 10,41. Portanto, o índio ou o caboclo, se considerados apenas os números, têm menos influência no tipo paranaense. Contudo, ele insiste que, no Paraná o negro contribuiu de modo insignificante e despercebido ... "*Lá está, acima, o valor incontestado do número*" {28}. Para referendar tal afirmativa, o autor utiliza-se de números e percentagens da população paranaense do final do século XIX onde a proporção de negros em relação ao total vai diminuindo. Segundo Romário Martins o máximo desta relação foi registrado em 1872, quando contaram-se 10.560 negros e mulatos e 116.162 brancos. Desde então, os negros, não crescendo senão vegetativamente, quando a população atingiu um milhão em 1933, devido a entrada

de novos elementos povoadores e estrangeiros, ( Romário não supõe entrar entre estes novos elementos, pelo menos alguns representantes do "*homo afer*"), estariam com seu contingente reduzido por várias causas: "*pelo seu pequeno número relativamente à população branca, pela precoce mortalidade do mulato; - pelas cruzas com o branco; - pelas mudanças; por outras causa*" {29}.

A demonstração da pouca participação do negro na população do Paraná porém, não deve se seguir, para o autor, a interpretação de que ele seja um "*apologista dos que a consideram inferior e insusceptível de desenvolvimento*". Afinal, os "*altos degraus da civilização*" são acessíveis a todas as raças, e suas desigualdades não são de ordem biológica e sim de ordem social e mesológica. Ou seja, o determinismo geográfico explicando porque algumas raças permaneceram em "*estágios culturais inferiores*". Como já foi dito, Romário aceita a teoria da mestiçagem para formação dos povos e inclusive os europeus, formadores de nossa população fundamental, têm na sua constituição o sangue de várias origens.

## 2.3 O EUROPEU

### 2.3.1 IBÉRICO

Romário Martins provavelmente considerava a contribuição de portugueses e espanhóis na população do Paraná evidente por si mesma. Isto explicaria o pouco desenvolvimento que dá aos aspectos que estes povos transmitiram à psicologia dos descendentes no novo mundo. Prefere, por um lado, identificar as raças formadoras do tipo étnico português, do qual fazem parte a íbera (85%) e a celta (14%), com influências semitas dos árabes, fenícios, judeus de tipo armenóide e negróides berberizados. Os germanóides também aparecem com 5% de proporção conforme atestou pesquisa realizada entre os recrutas do exército português em 1917. Para os espanhóis a diferença reside em esta última cifra ser de 10%. O fato de as proporções citadas (no caso dos portugueses) ultrapassarem os 100%, talvez se explique pela necessidade de destacar a presença germanóide em um momento (década de 1930) de ascensão da germanofilia (30). Por outro lado, faz uma descrição dos caracteres físicos do "europeu moreno", tipo antropológico do qual fazem parte os povos ibéricos: olhos negros ou pardos, cabelos pretos e pele branca, amorenando facilmente sob ação solar. Outros caracteres são comuns ao tipo "europeu louro", conforme citação de Anibal Mascarenhas - "História do Brasil" -, feita pelo autor:

tez sempre branca nas crianças, barba abundante, cabelos finos, lisos ou ondedados, crâneo apresentando um

oval de contorno regular, arcadas zigomáticas ocultas, fronte larga na base, sem ser fugidia nem bombeada no vértice, bossas frontais sobresaindo distintamente porém sem excesso, rosto antes oval do que alongado mas sem exagero dos ossos malares, nariz de ponta fina e paredes laterais reunindo-se em angulo agudo, narinas elípticas quase paralelas, esqueleto do nariz leptorrhinco ou mesorrhinco, maxilas e dentes dispostos em uma linha quasi reta, boca pequena, dentes retos compridos branco-azulados ou branco-amarelados sujeitos à carie; queixo saliente, orelhas de forma oval alongada, estatura mediana, peito amplo, espáduas largas, curvatura dos rins bem pronunciada, músculos firmes {31}.

Esta longa e aparentemente desnecessária citação se justifica. Porque, para o autor, é na direção desses caracteres que se dá o processo de eugenia do tronco adústo da população, com a absorção, no cerne da nacionalidade, do sangue negro:

Em quatro ou cinco gerações selecionadas para cima, não se o distingue do mais puro caucásico. Os próprios negros retintos, sem mescla de sangue europeu, apresentam feições que se vão aproximando das raças brancas: nariz afilado, beiços relativamente finos, olhos grandes, testa larga, prognatismo quasi nulo, corpo desempenado. Só a carapinha e a cor se mantêm inalteradas {32}.

Garante-se assim, a constituição de "*um dos mais nobres tipos morais da Humanidade, do ponto de vista social, politico e moral*": o brasileiro {33}. Evoluindo étnica e socialmente, sem os egoísmos que marcam outros povos, constrói com ordem o progresso de sua civilização.

Do caráter subjetivo do português, foi a fé o aspecto contributivo que Romário Martins ressaltou. Fé na religião oficial, o catolicismo, e também nas superstições que aqui se interpenetraram com as superstições indígenas. Para Rocha Pombo, citado com destaque por Romário, as virtudes que caracterizavam a raça dos portugueses aqui chegados eram a fé e a caridade {34}.

No Paraná, como ficou visto, para o autor a contribuição do negro é pequena, portanto, dos tipos formadores da população fundamental do Brasil, aqui ganham realce os caracteres do branco ibérico e do índio, bem como o mestiço destas greis, o mameluco. A partir do século XIX vieram plasmar-se a esses o sangue de novas etnias.

### 2.3.2 IMIGRANTES

Considerando-se que para Romário Martins a terra e os frutos que dela se extraem ou as searas nela cultivadas são a base da economia e sustentáculos de uma civilização, e que para tanto a terra precisa ser habitada, a forma como se dá a distribuição dos imigrantes europeus pelas diversas colônias do Estado é um assunto que tem os seus cuidados.

Em 1941 alerta os seus leitores dos riscos, para a nacionalidade, de uma colonização em grande número de uma só etnia em regiões de difícil contato, onde rudes lavradores de origem estrangeira estariam entregues aos seus esforços rotineiros e às suas tradições e costumes nacionais. Em seguida a essas ponderações, sugere algumas medidas para que houvessem vantagens recíprocas ao país e aos núcleos de imigrantes: abertura de estradas para os grandes centros urbanos; obrigatoriedade do ensino da língua nacional e da história e geografia do país, bem como do ensino técnico agrícola. Note-se que estas sugestões são parte integrante das medidas implantadas pelo Estado Novo, em legislação que está reproduzida no capítulo IX do livro de Romário (35).

Pouco mais tarde, mas ainda em pleno conflito mundial, Romário deixa transparecer, ao se referir aos descendentes das nações do Eixo que naquele momento preocupavam o espírito público, qual ou quais etnias causavam problema à composição étnica do brasileiro, em função de serem pouco assimiláveis, formando "ilhas étnicas" que poderiam vir a pôr em perigo a integridade nacional. A desagregação de alguns elementos de nossa unidade étnica se fazia em virtude da ação de uma propaganda insidiosa do interesse estrangeiro, pois estes elementos até então colaboravam na harmonia e progresso social paranaenses. E registra, enfim explicitando de qual povo está falando, a resistência de alguns alemães à infiltração nazista no seu meio (36).

Mas como ele mesmo diz, "*vários foram os que deram o brado de alerta em horas bem distantes ainda dos acontecimentos que nestes últimos anos vêm sendo vistos pela sua face principal (...)*" {37}. Romário deve estar se referindo, entre outros, a si próprio, uma vez que em 1900, com uma linguagem mais agressiva, já tratava do mesmo tema no sétimo e último capítulo - "*O elemento allemão*"- do opúsculo "*O Paraná Antigo e Moderno*". Este capítulo parece não se inserir na estrutura do livro, pois tanto de um ponto de vista formal, quanto em termos de conteúdo foge ao que o antecede. Nele, em primeiro lugar, o autor critica a concentração de "*milhares de uma só raça na mesma zona*", culpando os políticos do Império pela não dispersão dos imigrantes por todo o território do país. Esta concentração, no caso do Paraná, implica na sua "*desnacionalização*", com o "*depauperamento de nossa característica de povo em função da introdução de costumes estranhos á nossa índole*" {38}.

Pergunta-se das vantagens comparativas entre os investimentos feitos pelo país na imigração, os benefícios materiais com ela auferidos e os prejuízos causados pela implantação de

uma raça - a allemã por exemplo -  
 raça que não se afinisa connosco,  
 raça que perdura reproduzindo-se e  
 conservando-se com seos costumes,  
 habitos, aspirações, virtudes e de-  
 feitos intactos, taes quaes nos ap-  
 pareceram á primeira vez nas respei-  
 táveis pessoas de seos avós.

Mas por que os alemães? A resposta do autor vem a seguir:

salientou-se a allemã pelo seo maior número e pelo seo perigoso espirito absorvente. Na politica do Estado, tem sido, em todas as situações, uma força; - na fortuna particular uma força; - como ameaça constante á nossa integridade territorial, - uma força! {39}.

Comentando os mapas alemães da época (1900), nos quais o sul do Brasil aparecia como colônia daquele país, afirma que a culpa desta ameaça é nossa, por não termos feito a "*difusão científica*", ou seja a distribuição racional e equilibrada por todo o país, dos individuos desta origem.

O alemão em "*these é ingrato e pernicioso*" porque "*nos suplanta pelo número dentro das nossas cidades, absorvendo commercio; ... porque é monopolizador; porque é uma poderosa força politica*" e "*tem galgado até posições officiaes e politicas, nos preterindo e suplantando*". E ainda, porque "*nossos politicos encheram prudentemente de galões da Guarda Nacional os braços allemães, coronelizando-os*" {40}. Integrante da elite luso-brasileira que compõe a oligarquia regional que domina o Estado na Primeira República, Romário parece sentir ameaçadas suas posições de mando no poder local. E no último parágrafo, reforça a crítica às pretensões politicas dos imigrantes, citando Sylvio Romero:

O paiz ahi está aberto a todas as actividades, quem quizer e puder vir nelle trabalhar, que venha; não encontrará tropeços; conte com a liberdade e igualdade civil desfruta-

da pelos naturaes; mas é só isto; direitos políticos competem sómente áquelles que por longa residência e decidido amor ao paiz, tenham-se realmente nacionalisado {41}.

Os conceitos do autor para com os alemães não podem ser debitados, exclusivamente, à disputa do poder político e das benesses que proporciona ou à simples impetuosidade juvenil. Em um folheto de propaganda da Comissão de Colonização do Paraná, quando descreve a hospitalidade com que o visitante é recebido por aqueles que aqui vieram fundar colônias, Romário constrói toda uma imagem das chácaras coloniais auto-suficientes e a importância da sua produção hortigranjeira para o abastecimento de Curitiba:

Mas quer na modesta vivenda do pequeno hortelão quer na do abastado lavrador, o visitante é recebido com doce e hospitaleira bondade, entre os sorrisos de um casal de velhinhos e a limpida alegria comunicativa da mocidade, que em todos os núcleos, quer de italianos, quer de polacos, denota a saúde daquellas gentes cor de rosas, a paz em que vivem aquellas almas simples e amáveis, e as fartas compensações do trabalho.

Italianos e poloneses se enquadram no ideal da civilização paranaense com sua economia agrária, sua população branca (cor de rosa) e trabalhadora. A omissão dos alemães é flagrante, mas não accidental, uma vez que estes demonstram de maneira mais acentuada e anteriormente aos outros dois grupos imigrantes, um espírito urbano, comerciante e monopolizador {42}. E

se entre o início do século e a 2ª Guerra Mundial, Romário chega a reconhecer no alemão um caráter modernizador, este é demonstrado com um exemplo de modernização no campo, ou seja "*foram os alemães que generalizaram o uso do cavallo para tracção, até então, entre nós, exclusivo privilegio do boi carreiro*". (43). Deve-se notar que esse exemplo, bem como a descrição das chácaras alemãs ao redor de Curitiba feita pelos engenheiros Keller e transcrita em "*Quantos somos quem somos*", referem-se à fase inicial do fluxo imigratório (44). Portanto, antes do processo de urbanização no qual se destacaram os alemães.

As relações de Romário Martins com a colônia alemã devem ter se estreitado quando, sob o patrocínio da "União Rural Paranaense", realizou-se nos dias 2 a 4 de janeiro de 1930, "*pe-la primeira vez, um CONGRESSO DE LAVRADORES*". Iniciativa do sr. Aeldert, consul da Alemanha, este Congresso de Lavradores Paranaenses de Origem Allemã vai debater a organização de cooperativas agrícolas e sociedades de agricultura, e a troca de conhecimentos técnicos e insumos. Estas propostas vêm de encontro às atividades da "Cruzada do Trigo" que o autor, Diretor de Agricultura do Estado neste período, então promovia (45).

O ruralismo de toda a sua obra e as preocupações políticas conjunturais relativas aos imigrantes, porém, não impedem a Romário incluir entre os "*elementos para a História da Civilização do Paraná, vistos nas feições biográficas de alguns de seus vultos dos séculos XVI a XIX*", três imigrantes de origem germânica que se destacaram: na política - Augusto Stelfeld; na indústria - Gottlieb Mueller e no comércio - José Hauer {46}.

Para os outros imigrantes, europeus ou não (poloneses, ucraninos, italianos, holandeses, sírios, libaneses, judeus e outros), a atenção do autor está mais voltada para estabelecer os seus quantitativos ou, em reconhecer assim como faz para os alemães que:

conjuntamente com os descendentes dos povoadores fundamentais, essa população por toda parte aí está construindo a Babel de todas as raças, irmanadas na mesma obra civilizadora, integrada no espírito novo, de cooperação e de fraternidade, com que marchamos para o futuro {47}.

Ao mito do cadinho de raças, que se alia ao da democracia rural, uma exceção deve ser feita: "*ultimamente vieram japoneses, elemento de perturbação espiritual, étnica, social, econômica e política, de cuja ingênua aceitação nosso país começa tardiamente a arrepender-se*" {48}.

## 2.4 O CURITIBANO

Na construção histórica da população paranaense feita por Romário Martins, o curitibano - designação geral do habitante da 5ª Comarca de São Paulo, Comarca de Curitiba - é uma síntese seletiva das qualidades positivas das raças (indígena e européia) que contribuíram para a formação do etno brasileiro.

Tem origem, o curitibano, na ação do europeu que no século XVII, em busca de ouro e na caça ao índio, com este se miscigena formando:

O novo tipo humano {mameluco-bandeirante que} entrou a agir com impetuosidade, a destreza a imprevidência do valor nativo - e encheu do estrépito de sua passagem os sertões e as serranias do ocidente, decifrando os mistérios lendários da floresta, vencendo os obstáculos da terra desconhecida, destruindo a ordem, desrespeitando os direitos, numa antevisão de domínio.

Observe-se estas qualidades: impetuosidade, destreza e imprevidência, transmitidas pelo índio, pois a sua presença ou ausência estará distinguindo o tipo curitibano em momentos subsequentes da história. Entretanto, é verdade, para Romário que:

O poder de absorção da raça branca, porém, vigilante no sangue quente e vivaz da bravia extirpe, foi aos poucos esbatendo as aréas do incansável peleador das "bandeiras" até nêle moldar um dos mais altos

sub-tipos dentre tôdas as raças históricas. As suas qualidades principais, afinadas através de gerações e polidas pela civilização, até hoje subsistem - rumando noutras diretrizes e se afirmando nas etnias da nossa gente, aí está presente o espírito de decisão, a pronta percepção dos fenômenos, a claridade e a nitidez dos rumos e a eficiência dos resultados {49}.

Este ser quase mítico, meio selvagem - meio civilizado, o "bandeirante" seiscentista, é o primeiro povoador do planalto curitibano. A descrição de suas características - "*espírito de decisão, a pronta percepção dos fenômenos, a claridade e a nitidez dos rumos e a eficiência dos resultados*" - parece corresponder às exigências que a arquitetura da civilização, feita pelo capitalismo, faz de um alto executivo na selva do mercado. Seu sangue, por suas qualidades superiores, ainda é reconhecível "*na babel dos novos factores étnicos colaboradores da actualidade brasileira*" {50}.

Na segunda metade do século XVIII, as disputas de fronteiras no sul e a conquista e posse efetiva das terras ocidentais (Guarapuava, Palmas e Iguatemi), planeadas pelo Morgado do Mateus, implicam na necessidade de gente experiente e audaciosa no trato do sertão. O curitibano, que segundo aquele governador, era propenso a desertar para o lado dos castelhanos por ser muito parecido com eles, preenchia os requisitos com suas características de:

homem do campo e do sertão, criador e utilizador do cavalo, - meio índio, meio castelhano, com o anejo

pensamento sempre voltado para os horizontes num constante impulso de aventuras {51}.

As expedições para essas novas paragens provocaram um desfalque na população fundamental de Curitiba, ou seja, um desfalque do elemento sertanejo (mameluco), desbravador, produtivo e vigilante. Tal fato trará consequências para a conformação do curitibano. Por um lado, a agregação de novos povoadores ibéricos aos remanescentes e descendentes do grupo original explicaria porque Saint Hilaire admirou-se de aqui ter encontrado como *"em nenhuma parte no Brasil tantos homens verdadeiramente brancos como no distrito de Curitiba"*. Do caráter deste homem, o sábio francês exaltou a modéstia e a hospitalidade. Por outro lado, a não continuidade do cruzamento com o índio fez com que essas qualidades, levadas ao exagero, proporcionassem aos paranaenses *"uma situação falsa e medíocre nas competições da inteligência e nas esferas da política e da administração"* {52}.

Contudo, *"o paranaense sempre foi um tipo afirmativo de inteligência e atividade"* pois:

sua evolução se fez num ambiente propício ao trabalho rural das populações fundamentais e prosseguiu com a colonização de agricultores europeus. Daí as características de sua psicologia social de serena energia construtiva, agremiadora, hospitaleira e pacífica, sem lances de ousadia, mas afirmadora de persistentes designios econômicos {53}.

Desta maneira, Romário Martins vê a geografia sem rival do Paraná ser fecundada pelo sangue valoroso dos tipos que compõem a sua população. Uma população branca, onde o negro quase não aparece. O índio, através de seu mestiço, o caboclo, perdido no sertão não consegue manter no tipo paranaense a influência desejada pelo autor. O imigrante é o novo que ameaça a posição do "nacional", mas ao mesmo tempo contribui para a eugeniização do sangue considerado bárbaro e para a consolidação do ideal de democracia rural do Paraná. Os traços resultantes do amalgamento destas várias contribuições transformam o paranaense no trabalhador pacífico e pertinaz, esforçado, mas não ousado, construtor, portanto, da ordem para o progresso. Assim, a elaboração do perfil físico e psicológico do homem do Paraná, pela simbologia etnico-historiográfica romaria-na, funciona efetivamente como um dispositivo de discriminação e manutenção do "status-quo".

## CAPITULO 2

### NOTAS E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- {1} MARTINS, Romário. Quantos somos e quem somos; dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba : Paranaense, 1941. p. 10.
- {2} MARTINS, Romário. O Paraná antigo e moderno. Curitiba : Econômica, 1900. p. 13-14.
- {3} Ibid., p. 16.
- {4} IANNI, Otávio. As etnias e a questão nacional. In: BASTOS, Elide Rugai e IANNI, Octávio. A questão nacional. São Paulo : Pontifícia Universidade de São Paulo, 1985. p. 35.
- {5} op. cit.
- {6} BOLETIM DO DEPARTAMENTO DE HISTORIA DA UNVERSIDADE FEDERAL DO PARANA. Curitiba : n. 21, 1974. p. 16
- {7} MARTINS, Quanto somos..., p. 35.
- {8} MARTINS, Romário. História do Paraná. 1555-1853. Curitiba : Econômica, 1899. p. 19.  
Na p. 86 deste livro: "os padres da Companhia de Jesus, esquecidos da sua missão de amor e desprendimento pelas cousas mundanas, escravizavam aos milhares essas infelizes criaturas {índios} e a custa dellas enriqueciam-se os conventos".  
Id., O Paraná antigo..., p. 13-14.
- {9} FERNANDES, Loureiro. Romário Martins. O fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 17-33, jan. 1950.
- {10} ARQUIVO PUBLICO DO PARANA. Documentos de Romário Martins.
- {11} TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república. São Paulo, 1982. Tese de doutorado em história. Universidade de São Paulo. p. 114-116.  
O próprio Loureiro Fernandes é do grupo católico que vai formar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, cf. WESTPHALEN, Cecília Maria. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná - 50 anos. Curitiba : Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1988. p. 7-8.
- {12} MARTINS, Quanto somos..., p. 36.
- {13} Ibid. p. 172.  
Este parágrafo é originalmente de um texto mais amplo sobre os índios publicado em MARTINS, Romário. Catálogos e

- estudos do Museu Paranaense. Separata de: MUNHOZ, Alcides. Relatório apresentado a s.exa. o sr. presidente Munhoz da Rocha. Curitiba : Mundial, 1925. O texto completo é republicado com levíssimas alterações, porém sem alterar o parágrafo, em MARTINS, Romário. História do Paraná. 3.ed. Curitiba : Guaíra, (ca. 1950).
- {14} MARTINS, Romário. Guairacá; movimento nacional pró-monumento à Guairacá. Curitiba : Paranaense, 1941. p. 68,70,74.
- {15} MARTINS, História..., 3.ed., p. 66.
- {16} MARTINS, Guairacá...  
Ver também: ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, Curitiba. Documentos de Romário Martins, caixa 3.
- {17} ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO INDIO. Índios do Paraná. Curitiba : 1983.
- RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização. São Paulo : Hucitec, 1980.
- {18} ARQUIVO PÚBLICO, Documentos de Romário..., caixa 3.
- {19} MORREU Guairacá. Marinha. Revista do litoral paranaense. Paranaguá, n. 82, 1950.
- {20} MARTINS, Quantos somos..., p. 35-36, 173.  
O capítulo X deste livro, "Plano para a incorporação do caboclo na civilização nacional" é a republicação de "Escolas rurais especiais para educação e socialização do caboclo".
- {21} Ibid., p. 174.
- {22} Ibid., p. 174-175.
- {23} MARTINS, História..., 3.ed., p. 132.
- {24} Ibid., p. 128-129.  
O texto apresentado nestas páginas é semelhante à : id., Branco, amarelo e preto. Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, Curitiba, v. 3, n.1, p. 35-42, 1919 -1925. Com este mesmo título, e também só a parte relativa aos negros, o artigo foi publicado no jornal "O Dia" de 13 maio de 1925, nas páginas 1 e 2.
- {25} Ibid., p. 131.
- {26} Ibid., p. 313.
- {27} Ibid., p. 132, 314-315.
- {28} MARTINS, Romário. O que é o Paraná. (A terra e o homem). {Curitiba} : Comissão de Colonização do Paraná, {1907?}. p. 57-58.

- {29} MARTINS, História..., 3.ed., p. 312.  
Na página citada há um evidente erro de revisão.  
Id., Quantos somos..., p. 175.  
Ver também as referências das notas 23 e 27 deste capítulo. As discrepâncias entre os números da população apresentados de uma obra para outra são comuns na obra de Romário, e podem ser elucidadas a partir das fontes diferentes que utiliza em vários momentos. Porém, este não é o objetivo aqui.
- {30} MARTINS, Quantos somos..., p. 169-170.  
Id., História..., 3.ed., p. 126.  
Sobre a relação do autor com a imigração alemã, ver adiante tópico da imigração.
- {31} Id., História..., 3.ed., p. 125-126.
- {32} Ibid., p. 133.  
Romário cita nesta passagem um certo Américo Werneck.
- {33} Ibid., p. 132.
- {34} Ibid., p. 125.  
Id., Quantos somos..., p. 180.
- {35} Id., Quantos somos..., p. 56, 181-199.
- {36} MARTINS, Romário. A ação nazista no Brasil. In: MARTINS, Mário. Hitler guerreira o Brasil há dez anos. Curitiba : O Dia, {ca.1942}. p. 3-6.
- {37} Ibid., p. 3.
- {38} Id., O Paraná antigo..., p. 63.
- {39} Ibid., p. 64.  
É importante observar que em todas as obras, sem exceção, nas quais Romário publica dados sobre imigração, o contingente de alemães nunca é o mais numeroso, ora perdendo para o número de poloneses, ora para o de italianos ou para ambos.
- {40} Ibid., p. 66.  
Verificar os mesmos argumentos em "A ação nazista..." p. 5.
- {41} Ibid., p. 67.  
Sobre Sylvio Romero cf. VENTURA, Roberto. Estilo Tropical. São Paulo : Cia das Letras, 1991.  
Alcides Munhoz, coevo de Romário, escreve dois livretos contrapondo-se veementemente a Sylvio Romero e defendendo o alemão como elemento ativo e contribuinte do progresso étnico, social e econômico do país. Cf. MUNHOZ, Alcides. O sr. Sylvio Romero e o allemanismo no sul do Brasil. O Paraná. Curitiba : A. Guimarães, 1907. -----. A teutophobia do sr. Sylvio Romero. Curitiba : Economica, 1910.

- No contexto da Primeira Guerra Mundial, ainda sobre o tema, cf. DARCANCHY, Raul. O pan-germanismo no sul do Brasil. Rio de Janeiro : {s.n.}, 1915. Neste livro o autor tenta vincular os alemães às atitudes dos catarinenses na questão de limites entre Paraná e Santa Catarina.
- {42} MARTINS, Romário. Terra e gente do Paraná. Curitiba : Paranaense, 1944. p. 5-6.  
Id., O que é o Paraná..., p. 5-6.
- {43} MARTINS, Romário. Curitiba de outr'ora e de hoje. Curitiba : Prefeitura Municipal, 1922. p. 182.  
NADALIN, Sérgio Odilon. Imigração e colonização alemã na obra de Romário Martins. Boletim do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, n. 21, p. 87-95, 1974.
- {44} MARTINS, Romário. Quantos somos..., p. 60.  
Observe-se que Romário Martins quando publicou "O que é o Paraná" já conhecia os trabalhos dos Kellers cf. p. 33.
- {45} MARTINS, Romário. Plantando dá. Os serviços oficiais de agricultura do Estado do Paraná. Suas organizações e realizações até 31 de maio de 1930. Curitiba : Departamento de Agricultura, 1930. p. 29-30.  
ARQUIVO PUBLICO, Documentos de Romário..., caixa 3.
- {46} MARTINS, Romário. Terra e ..., p. 57, 88, 107.
- {47} Id., História..., 3 ed., p. 283.
- {48} Id., Terra e ..., p. 175.  
Sobre o preconceito contra os japoneses nos anos 1930-1940 ver: LENHARD, Alcir. Sacralização da política. Campinas : Papyrus, 1986. p. 128-138.
- {49} MARTINS, Romário. Terra e ..., p. 180.  
Id., Quantos somos ..., p. 45-46.
- {50} Id., Terra e ..., p. 181.  
Id., Quantos somos ..., p. 43-44.
- {51} Ibid., p. 43-44.
- {52} Ibid., p. 45-48.  
Id., História ..., 3 ed., p. 281.
- {53} Id., Quantos somos ..., p. 9-10.

CAPITULO 3

CIDADE

## 3 CIDADE

As cidades são os índices da civilização dos povos. Todo progresso das Nações, produzido nos campos, sintetiza-se nas cidades. Assim são elas o enfeixe lógico da civilização.  
Dario Vellozo.

Índices de civilização que se quer rural, as cidades tornam-se a vitrine onde são expostos para o reconhecimento e a admiração do mundo, os símbolos da terra e do homem paranaense.

A cidade síntese desta civilização, cuja imagem ideal é desenhada na obra romariana, é Curitiba. A capital do Paraná, já nos seus primórdios, revela a potencialidade das riquezas naturais e as capacidades inatas daqueles que então a povoavam e dos que nela viriam se estabelecer. Os esforços de ordem e trabalho dessa gente marcaram sua evolução histórica, transformando a vila miserável dos séculos iniciais na capital progressista de hoje {1}.

### 3.1 A FUNDAÇÃO DA CIDADE

#### 3.1.1 PRIMEIROS POVOADORES

A ordenação dos símbolos que constroem a identidade curitibana se faz na história e pela história. Comemorando o 203º aniversário da cidade, cuja data oficial de fundação, 29 de março de 1693, foi estabelecida pela Lei Municipal nº 169, de iniciativa sua, Romário lembra em discurso na Câmara Municipal que:

O primeiro passo que os portugueses deram nos campos de Curitiba assinala na história do Brasil o acontecimento mais notável depois do descobrimento de Cabral, porque foi a mais vasta exploração até então feita do interior do país {2}.

Portanto, a presença portuguesa no primeiro planalto do Paraná só é comparável ao fato descobrimento do Brasil. Ou seja, por um lado, equiparada ao primeiro acontecimento gerador da nacionalidade, identifica-se com ela; e por outro lado diferencia-se de outras regiões do país cuja exploração inicial não foi tão notável.

Aliado ao comum estímulo econômico, no Paraná outros fatores determinaram as expedições exploradoras e a fixação do europeu em seu território. Assim a

existência de minas de ouro, as bandeiras contra os índios e na conquista do sólo aos hespenhoes do oc

cidente; o maravilhoso do local; o entreposto que era entre as duas Americas ibericas divididas pelo meridiano de Tordesilhas; tudo leva a crer que nos campos de Curytiba se começassem a fixar os conquistadores portugueses, ainda em pleno fastigio do século XVI (3).

Desta forma, o impulso dado aos bandeirantes para romperem os contrafortes da Serra do Mar e estabelecerem povoação no planalto não provinha só do ouro e da préea aos índios. A terra, com a exuberância de sua natureza, também exerceu seus atrativos. Fortes e talvez mais decisivos ainda, são também os interesses geopolíticos portugueses, estimulando a ação de seus capitães na disputa de terras com a Espanha.

A necessidade de estabelecer a tradição de antiguidade na posse destas terras leva o historiador, temerariamente, a afirmar, que ainda no século XVI já se fixavam portugueses nos campos de Curitiba. Anos mais tarde, em situação diversa da anterior, onde além do historiador discursava o político envolvido com a criação da data-símbolo da sua cidade, Romário, ao comentar o papel dos primeiros nomes da história local, observa:

Esses não foram, entretanto, os primeiros moradores do nosso planalto. Antes deles houve os povoadores anônimos da fase inicial, os arraiais mais ou menos estáveis, a nebulosa das povoações. {...}

A história porém, é exigente de nomes e de datas, e é assim que na de Curitiba deixam de aparecer os esforços anônimos e as datas iniciais das origens do povoamento em nosso

território de quando os primeiros sertanistas vadearam a Ribeira de Iguape, subiram os vales do Assunguí e do Ribeirinha {...} {4}.

História exigente de nomes e de datas. Esta é a história que Romário, mais experiente, faz. Portanto, aqueles aventureiros que desbravaram a região curitibana, quem sabe ainda no século XVI, mas que infelizmente não deixaram registro de sua passagem pela terra, estão fora da história. Ofusca-lhes a presença, as luzes que irradiam de três personagens:

A nossa história, até 1693, se resume nos vultos culminantes de GABRIEL DE LARA, ELEODORO EBANO e MATHEUS LEME.

A cada uma destas personalidades vultuosas dos nossos primeiros dias, segue uma larga página da nossa história {5}.

A seguir um pouco do que conta cada uma dessas páginas. Gabriel de Lara foi quem divulgou em 1646 a boa nova da descoberta de ouro em Paranaguá. Anos mais tarde (1660), na disputa entre o Marquês de Cascais e o Conde da Ilha do Príncipe sobre os direitos de sucessão a Pero Lopes de Souza, primeiro donatário da Capitania de Santo Amaro, é empossado pela Câmara de Paranaguá, que ficava na porção sul da dita capitania, como representante do Marquês nos cargos de Lugar Tenente e Procurador, Capitão Mór, Ouvidor e Alcaide Mór {6}. Em 1668, a *"figura do cavaleiro medievo, exhibindo titulos e insignias e ostentando a sua veneravel importancia de empoado Alcaide portuquez, aos olhos pávidos dos bisonhos mamelucos"* {7} subiu a

Serra do Mar e, nos campos de Curitiba, onde vários arraiais de faiscadores já tinham se formado, tomou posse da terra para seu constituinte. No dia 4 de novembro, atendendo pedido de um grupo de moradores filiados à grei de Mateus Leme, ordena o levantamento de pelourinho como ato inicial de fundação da vila {8}.

Com a notícia da descoberta d'ouro, o então Governador-Geral Duarte Corrêa Vasqueannes (1645-47) enviou Eleodoro Ébano Pereira para Paranaguá, como Entabulador e Administrador das minas nos distritos do sul. Foi com este aventureiro, famoso nas cavalarias do século XVII no sul da América portuguesa {9}, que se iniciou regularmente a exploração efetiva das minas da capitania, com a organização de expedições aos campos do planalto, da Serra do Mar a São José dos Pinhais e de Curitiba ao Assungui.

Dessas "entradas" de Ebano, resultaram os núcleos de população fixa, dos lares mais ou menos permanentes do Atuba, na Borda do Campo; do Arraial Grande; do Capucú; e, por fim, coroando a obra incial do heróe seiscentista, de Curityba, da risonha e linda capital actual do Paraná {10}.

A atuação deste capitão na região sul do domínio português era de tal ordem que foi considerado fundador de Cananéia e Iguape, que já eram vilas em seu tempo, e de Paranaguá, onde sua chegada se deu às vésperas de sua elevação à vila, em 1648.

Porém, é com relação a Curitiba que a qualidade de fundador melhor se lhe ajusta. Em verdade, como as demais localidades não foi ele o fundador da Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais mas, "*cujo início de povoamento ele realmente presidiu e cujo advento social preparou conjugando os seus arraiais e entre eles estabelecendo a coesão e a ordem*" {11}.

Se "*Ébano Pereira não foi o criador da vila em 1693*", para Romário Martins porém foi mais do que isso:

Foi o conductor das sementes que produziram as searas humanas que pontearam de actividade e de civilização os nossos campos e as nossas florestas bravias e lendarias, onde a fera, o indio, as vicissitudes e a superstição, eram, antes d'elle, os unicos povoadores {12}.

A importância de Eleodoro ébano, se não está ligada - ao contrário dos outros dois vultos primevos da história curitibana - à institucionalização do poder político, vincula-se, portanto, à excelência do tipo humano para cá conduzido e à sociedade ordeira que já nos primórdios se organizava. Sua ação no exercício da autoridade é "*coordenadora do trabalho e por conseguinte fundadora da sociedade*" {13}.

Romário Martins estabelece, para o personagem, o papel de apurador do tipo humano de que se forma o povoado e de ordenador da sociedade que então se constituía. Tipo humano que

se distinguiria pela atividade civilizadora e sociedade ordenada pelo trabalho. A presença do Capitão de Canoas de Guerra, Eleodoro Ébano Pereira, simboliza na história da fundação de Curitiba o ideal romariano de construção de uma civilização para o Paraná.

Se a autoridade de Ébano Pereira é garantidora do trabalho, é com Mateus Leme que o meio social se compõe dentro da ordem pública.

Foi elle quem iniciou a posse legal da terra solicitando e obtendo regularmente uma sesmaria; foi elle que conseguiu a instituição do Felourinho, representativo da autoridade pública, como também foi elle quem como Capitão Povoador, poz ordem na aquisição das terras, cedendo-as, em nome d'El-Rei, aos que pretendiam se estabelecer nos nossos campos; e foi ainda quem erigio a Villa, - nosso primeiro passo, largo e certo, para as conquistas de hoje {15}.

Assim, na simbologia romariana, a contribuição do sereno patriarca, com o ordenamento na ocupação das terras e a institucionalização política para o estabelecimento da ordem pública, complementa a atividade dos outros vultos que no início de sua história fizeram brilhar nos céus *"a estrela solitária erguida no planalto, guiadora dos rumos de futuras conquistas ao ocidente e ao sul da grande pátria em formação"* {16}.

Mas Romário Martins, ao ser o primeiro a fazer a história regional do Paraná, não constrói apenas símbolos da civi

lização que idealiza para o Estado. É possível perceber, com grata satisfação, sua sensibilidade de historiador. Ao par da questão um tanto enfadonha dos homônimos de Eleodoro ébano, por exemplo (cf. nota 14 deste capítulo), o autor discute o local onde se deu o povoamento inicial do planalto e o local da fundação da vila. Neste caso, faz autocrítica, quando diz que ele (Romário) e Ermelino de Leão erraram ao estabelecer, respectivamente, no Arraial Queimado e no Atuba o início da vida política curitibana {17}. Entretanto, é na tentativa de explicação do fato de, após a ereção do pelourinho (1668), não ter se dado a eleição da Câmara - que só ocorreu em 1693 - que se afasta por alguns momentos de sua história tradicional. Levanta hipóteses para explicar o ocorrido: ou porque, na primeira data, só tivessem comparecido 16 "*homens de são consciência*" quando o número regulamentar exigido era de 30; ou por alguma outra razão de "*ordem, conveniência ou quiçá de interesses rivais entre os moradores da localidade*". São esses interesses rivais que vai explicitar na sequência do seu texto, pois a autoridade de Mateus Leme, decrépito, segundo as alegações de 1693 para a elevação da vila, poderia estar cerceada em função de ressentimentos e ambições "*aos que talvez não fosse extranho o Capitão Gaspar Carrasco dos Reis - que sendo o 2º a assignar, a seguir Mateus Leme, a acta do levantamento do Pelourinho, em 1668, assignará em 15º lugar a acta da elevação da Vila, em 1693*" {18}. Detalhe que poderia ter passado despercebido, mas ao qual Romário empresta valor explicativo.

### 3.1.2 LENDAS INDIGENAS

A história que funda uma tradição, como a que é feita por Romário Martins, atrai para si vários componentes do universo simbólico de uma dada sociedade. Assim é que as lendas indígenas que contam a história da escolha do local de fundação da cidade e da origem do nome Curitiba acabam por se incorporar às narrativas do autor {19}.

A mais conhecida destas histórias diz respeito a incumbência, dada pelos pioneiros a um chefe da tribo Tingui, para lhes indicar local mais apropriado para edificar a cidade, uma vez que não estavam satisfeitos com o sítio à margem do rio Atuba {20}. O cacique, acompanhado dos caraibas e de sua gente, teria indicado o lugar onde hoje se encontra a praça Tira-dentes. Marcou o local fincando no chão uma grande vara que trazia e virando-se para o índios e colonos disse-lhes "AQUI!". A vara fincada no solo "*brotou e floresceu anunciando a metropole que ali exsurgiria*" {22}.

A origem do nome da cidade também é decorrente da fala do cacique, que no ato de fincar a vara teria dito - "*Curi - pinhão - Tyba - muito*". Muito pinhão é o significado do nome da

capital paranaense na versão guarani {23}. Se a verdadeira origem do nome está com os guaranis, a versão caingang, contada pelo cacique Paulino Arakchó, amigo de Romário, plausível ou não, é bela e nobre. Bela pela lenda da vara florida e nobre pelo desprendimento dos primeiros senhores da terra, que dela se retiraram em pród da civilização {24}. A história caingang aparece em 1926 no estudo onomástico de Curitiba, mas em 1931 o autor a publica de maneira bem mais inspirada:

O primeiro Arakchó, o dominador da chapada destes campos immensuráveis, que ilhavam, como um oceano, lindos capões de araucárias, voltou-se para o aventureiro branco e lhe falou assim:- "Toma tu, irmão, pösse plena destas terras que ambicionas e faldas florescerem com a tua cultura. Como agora os Caigans, a habitaram os Abapanys e os Tinguhys e antes delles só o teu Tupan sabe quem as possuio. Tribus pelejaram por ellas, pela sua belleza, pela sua abundancia, pela sua posição a beira do planalto, os primeiros brancos que aqui vieram, aqui ficaram para sempre, e dormem e dormirão eternamente no seu seio. Outros, porém, dominaram, por fim, o litoral. Ali ergueram seus Tapuhys, e vão e vem, nas suas pirogas. Não nos mette medo a visinhança. Nós os afundariamos nas águas, si o quizessemos, pois somos quantos forem preciso para isso. Mas a terra é immensa e nella cabemos todos: os que já estão e os que hão de vir. Fica, irmão, nós te deixamos o que ambicionas. Nós é que partimos para outras plagas, que outros mais tarde desejarão porque são ainda mais bellas, e quando outros sobre outros as quizerem, acamparemos nos valles dos grandes Rios do Oeste, nas regiões da floresta mysteriosa, mais bellas ainda! O nosso

destino é como o teu. Todos nós viemos d'outras terras, ou nós ou nossos antepassados. Fica tu, agora, onde estamos, já que assim o queres. Ergue aqui a tua civilização e os que ainda hão de vir ergam as suas". Calou-se então, o cacique de cem tribus de Caingangs. E solenne na sua túnica branca de beduíno, magestático e incisivo, olhou ainda uma vez para os pinheiraes, e comandou - "Cury-Tim" {Cury-vamos, Tim-depressa}. As buzinas buzinaram, roucas e profundas, como vozes estranhas que partissem das entranhas da terra. As tribus se movimentaram lentamente, se accumulando e se subdividindo até formarem marcha a um de fundo, como um carreiro de grandes formigas, numa linha sinuosa pela gramma da chapada afora e pelas bordas das coxilhas e pelas margens do Yguassú', até desaparecerem, ao fim do dia, no horizonte, onde o sól, já sumido também projetava apenas um clarão {25}.

Parece o desenrolar da cena final de um grande filme épico. Porém, não é apenas pela força de imagem cinematográfica que se transcreveu este longo discurso. Além de síntese de tópicos tratados acima, nele é possível perceber, em um único ponto, quando confluem e confundem-se, explicando-se reciprocamente, a vida e obra de um autor.

Em 1930, quando ocupava o cargo de Diretor de Agricultura no Estado, Romário Martins é surpreendido pela "revolução". Acusado de "*aplicação, uso indevido ou irregular de dinheiro*" é obrigado, durante algum tempo, a se esconder nos arrabaldes

da cidade {26}. Aquele que por longos anos tinha sido o Diretor do Museu Paranaense, redator d'A República (orgão oficial do Partido Republicano, digno representante da oligarquia regional) e eleito para várias legislaturas estava agora apeado do poder. Em 1931, escreve "*Eu - Notas Auto-Biographicas*", onde procura se defender dos ataques que sofre, expondo sistematicamente as suas atividades intelectuais e políticas desenvolvidas até então. Se nesta resumida biografia o tom é do ressentimento amargo do injustiçado, parece que, no texto citado acima, Romário Martins está fazendo, através das palavras do cacique caingangue, a despedida dos derrotados, ao mesmo tempo em que conclama os vitoriosos a continuarem sua obra, pois assim o exigem e o merecem a beleza e a riqueza da terra, bem como o caráter valoroso dos homens que nela habitam. Em fevereiro de 1933, parecer da Comissão de Sindicâncias é pelo arquivamento do processo contra o autor, que ao inverso da acusação, nada devia aos cofres públicos, mas sim, tinha neles certo crédito a receber {27}.

### 3.2 METROPOLE

Se o início do povoamento e a fundação da vila marcavam no nascedouro o futuro radioso da cidade, em 16 de novembro de 1720, quando a imagem de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais foi "*festivamente collocada na igreja da Villa {...} [a] capital progressita de hoje não era mais que um povoado perdido no sertão*" (28). No livreto comemorativo do aniversário da chegada da imagem da santa, escrito para homenagear Monsenhor Celso Itiberê da Cunha, Romário Martins, afastando-se do anti-clericalismo juvenil, incorpora o valor da fé religiosa na construção do perfil moral do curitibano (29). E tal se fazia necessário, pois apesar dos vultos do passado, os aventureiros faiscadores de ouro e caçadores de índios, longe da civilização e dos seus costumes de origem, "*em breve tempo tinha(m) do indigena toda semelhança, nos sentimentos e nas acções, e mais do que elles os vícios que lhes eram próprios*" (30). Assim é que o Ouvidor Pires Fardinho, naquele mesmo longínquo ano de 1720, em visita à vila, se viu obrigado a baixar uma série de correições, com o fito de atrair para a civilização e a ordem "*aqueles homens ainda um tanto fora da lei e dos bons costumes*" (31). Neste sentido, a presença da tosca estatueta sacra serviu ao curitibano porque:

Foi á formação de um povo indómito e semi-selvagem como o que deu origem á nossa civilisada metrópole de hoje, que a santa bicentenária assistio, certa de que a sua influência

nos corações havia de vencer, como venceu, e transformar, como transformou, os 90 homens bravios do Capitão Povoador Mateus Leme, nesses 90.000 habitantes da actualidade que honram a civilização no seu amor á paz, á ordem e ao trabalho{32}.

Os elementos caracterizadores da civilização construída pelo pensamento romariano para a gente paranaense e sua terra - paz, ordem e trabalho - estão agora abençoados pela santa padroeira. Apesar disso, em 1853, ao ser emancipada a 5ª Comarca da Província de São Paulo, "*Curityba era, nessa epoca, uma insignificancia, que de cidade só tinha o predicamento official*" {33}. Não só a cidade era insignificante. Para organizar a Província que então se estabelecia, seu primeiro presidente, Zacarias de Góes e Vasconcelos, "*não podia contar, como não contou, com nenhum espirito de resolução e de iniciativa. Todos os elementos locais juntos, não valiam um homem como elle*" {34}. Mesmo assim, conseguiu ele escolher os nomes que comporiam a Assembléia Provincial e a Câmara Municipal de Curitiba. A ordem pública e a segurança individual foram objeto da primeira ação governativa da Província, pois estavam sempre correndo riscos quando se realizavam eleições, festas e corridas de cavalos. E era hábito, não apenas do sertanejo mas da generalidade dos cidadãos, o uso de armas (espadas e pistolas) {35}. Entretanto,

A índole bravía do curitybano da antiga dominação de Matheus Leme, da Villa {...}, já estava então, ao tempo do Presidente Zacarias de Góes, um tanto amañada pela obrigação de obediência ás leis, á autori

dade e á religião, visto como aquelle eminente estadista também declara em sua mensagem que a simples palavra do vigário lhe parecia que ia ser bastante para pôr termo a taes costumes na capital, e, no interior, "as perseverantes recomendações da polícia e o castigo de um e outro refractário" {36}.

Para o autor, uma certa dose de repressão é exigência da civilização que se quer ordeira e trabalhadora.

Ainda relativo a este momento de instalação da Província, Romário transcreve os dados do censo da população realizado na Capital, onde se contam 4.102 brancos, 955 mulatos e 762 negros. Nenhum comentário a respeito de a soma de negros e mulatos equivaler a 29,5% da população total. Afinal, como ficou visto no capítulo 2, este percentual, no Estado, em 1890, estará reduzido para cerca de 10%.

Preocupado em demonstrar a evolução da cidade em direção ao progresso, Romário Martins fará ainda o inventário das ruas, casas, prédios, lojas de comércio, oficinas, escolas, indústrias, jornais e tipografias de Curitiba. Informa a quantidade e descreve as características e peculiaridades de cada um desses itens que integram o quadro urbano, e as transformações e os incrementos que recebem desde a segunda metade do século XIX até 1931 {37}.

Em um dos capítulos do opúsculo que publica neste último ano, o autor faz uma espécie de convite para atrair visitantes, descrevendo todas as exuberâncias oferecidas pela cidade.

Assim como faz para o Paraná, inicia com as coordenadas geográficas, e assinala que Curitiba "*é a sede do governo do Estado e a maior cidade entre S. Paulo e Porto Alegre, sendo ainda a metropole dos Estados do Paraná e Santa Catharina*" {38}. É impossível deixar de perceber, nesta afirmativa, um quê de revanchismo do grande agitador da causa do Paraná na questão de limites com o Estado vizinho.

A presença dos imigrantes é destacada ao comentar o estabelecimento de mais de trinta colônias no município. A população era composta por brasileiros, descendentes de portugueses e espanhóis, e pelos grupos imigrantes alemães, poloneses, italianos, russos e sírios. A ausência de índios e negros deve explicar porque "*não há sentimento racial e a tendência é para o amalgamento*". Em termos quantitativos, Curitiba tinha aproximadamente cem mil almas e o município cento e cinquenta mil {39}. Estes números têm sua razão de ser, uma vez que:

A situação de Curityba em face da estatística demographica das demais cidades brasileiras e mesmo das de outros países, - é de um magnifico destaque.

Comparativamente com o coeeficiente da natalidade, mortalidade e nupcialidade nos grandes centros de população quer do Brasil quer do estrangeiro, - o que se refere á Curityba, por mil habitantes, dá o resultado invejavel que se contém nas tabellas abaixo {40}.

Desde então, Romário já estabelecia, por um lado, a comparatividade de Curitiba com outras capitais do país, e com cidades de outros países, e por outro, a "*invejável magnificência*" dos dados da capital paranaense. Na tabela de natalidade, comparada com cidades brasileiras, Curitiba fica em décimo lugar, com índice de 31,55 por mil. Este índice colocaria Curitiba em terceiro lugar, logo após Buenos Aires e Moscou, na relação das cidades estrangeiras. Estaria assim, com vantagem em relação a Petrogrado, Haya, Madrid, Copenhague, Nova York, Havana, Montevidéu e Londres, o que não era desprezível (41).

A suave ironia, na qual Romário teria transformado suas mágoas juvenis (42), transparece no comentário que faz logo após a tabela de mortalidade das cidades brasileiras: "*Curitiba é onde se morre menos. Natal, por ironia da natureza, é onde se morre mais...*". Com o coeficiente de 13,97 por mil, desta tabela, Curitiba ficaria em desvantagem na lista internacional "apenas" para Christiania, Haya, Amsterdam, Antuérpia e Bruxelas (43). O mesmo se repete para as tabelas de nupcialidade, onde a capital do Paraná aparece em sexto lugar no Brasil, com o índice de 7,14 por mil, que na relação de cidades estrangeiras "*não fica mal collocado, e se encontra entre Amsterdam e Madrid, a patria do amor*" (44).

O inventário dos mais diversos fatores do progresso continua a descrever as vantagens e condições favoráveis que a civilização paranaense realizou e que se sintetiza na sua cidade-símbolo. Mesmo que tal civilização tenha fundamento em uma economia de base agrária, na cidade destacam-se a atividade comercial e o número e a variedade de indústrias. Estas últimas encontram condições "*peculiarmente favoráveis em Curitiba*" que tem:

Um clima esplendido; a alimentação barata produzida nas colônias agrícolas que circundam a cidade, e um fornecimento ilimitado de trabalho productivo e inteligente, de homens e mulheres, mas não só da cidade, mas também das colônias europeas do Paraná e Santa Catharina, concorrem para tornar muito suave as condições de vida {45}.

Aliada à construção de uma nova usina hidrelétrica, a cidade, pólo regional de desenvolvimento, oferece para industriais, mão de obra abundante e inteligente (européia) com baixo custo pois os alimentos são baratos, e ainda por cima excelentes condições naturais. É o clima, inclusive, bem como as indústrias, jardins e arredores, casas de assistência e as monumentais pontes da ferrovia Curitiba-Paranaguá, que cooperam para que Curitiba seja a melhor cidade universitária brasileira {46}. Não foi possível estabelecer a relação capaz de explicitar, especificamente, qual a contribuição de cada um desses fatores para a cidade receber esse título.

Entretanto, o número de escolas, colégios, escolas profissionais, a Universidade e os "*Institutos de Cultura, complemento do Ensino Superior*", tais como Instituto de Medicina, Instituto de Engenharia, Ordem dos Advogados, Academia de Letras, Instituto Histórico e Geográfico e, porque não, "*Instituto Néo-Pitagórico, única instituição no mundo de estudos moraes e filosoficos*", juntamente com as inúmeras sociedades que se dedicam as artes e o apoio que os artistas recebem, devem ter colaborado para que a cultura artística dos curitibanos tenha ultrapassado a fronteira do país e que a cidade fosse considerada a Munique brasileira {47}.

Nesta época (1931) havia cordialidade entre Romário Martins e a colônia alemã - a qual o autor em outras oportunidades havia criticado e que voltaria a criticar - portanto a comparação não surpreende por aí. São as características do movimento artístico na capital bávara na década de 1920-1930 que chamam atenção. A "*antiga cidade da arte*" após a derrota da revolução de 1919 mergulhou no academicismo e conservadorismo e passou a ser dominada, exclusivamente, pelo conformismo pequeno-burguês {48}. O "*espírito de província*" no qual lentamente se afunda a vida cultural de Munique, leva à exaltação da região, do regional, e ao que um dadaísta chamou de "*um estado de alma essencialmente burguês*". É também na Alemanha de Weimar, que se estabiliza o culto do campo e dos campo

neses, com seu significado de bom senso, pureza racial e tradição. Apropriado pelas correntes políticas conservadoras, o culto propicia a idealização do camponês na luta contra a crise supostamente provocada pela ação deletéria da cultura urbana e das instituições republicanas {49}.

Portanto, a comparação que Romário estabelece entre Curitiba e Munique demonstra não a semelhança que porventura pudesse haver entre as duas cidades, mas, inconscientemente, a afinidade de seu ideal civilizatório com uma cultura conservadora. Mesmo que, com muita probabilidade, a referência do autor sobre a atividade artística na cidade alemã pusesse estar baseada na imagem de "cidade da arte" da primeira década do século XX, com toda certeza, a Curitiba que está a comparar, por mais real que possa ter sido, é a cidade por ele idealizada.

Em 1931 Romário fornece apenas o número de ruas, alamedas e avenidas existentes em Curitiba. No seu estudo de 1922 todavia, descreve onde começa e acaba cada rua, o número de casas que possui e qual atividade que nela se realiza, chegando inclusive, a transcrever projeto para calçamento das ruas da cidade em 1857 {50}. Em 1900, entretanto, o autor está preocupado com o papel das ruas na preservação da memória histórica.

Não se baptisa uma rua assim com duas razões. Uma placa deve ser uma pagina de história, uma recordação

symbolica, uma lição cívica, que o povo leia, decore e fique-lhe cantando n'alma como hymno triumphante e nacional {51}.

Criticando os políticos por mudarem o nome das ruas sem consultar a vontade do povo, com uma linguagem quase poética, o jovem Romário comenta a substituição do nome de Rua das Flores pelo de Rua 15 de Novembro:

a psychologia da placa ali está atestando para sempre a pré-existência d'aquella denominação popular, que relembra Coritiba de outros tempos, sem illuminação electrica, sem empresas sanitarias, sem tarifas nas estradas de ferro...(e sem estas, oh ceos!...) sem bispos e sem bispados, sem cura e sem cathedral!  
Era uma Coritiba acaboclada e meiga, sem desejos superfluos que lhe arruinassem a bolsa, sem bachareis e sem nortistas. Era aceiada, lépida e faceira, mergulhando o pesito descalço e rosado na relva cheia de um orvalho tremulo, que era o paralepipedo ideal desta lyrica cidade {52}.

É possível observar que sem ser ainda a progressista metrópole que descreverá mais tarde, Romário já elabora para Curitiba um passado rústico e bucólico, reforçando os caracteres simbólicos de seu ideal. Ironia do destino é o fato de aquele que, preocupado com a influência do nome das ruas - tendo inclusive indicado um rol de notáveis do passado cujos feitos memoráveis forjariam valores civilizatórios na psicologia das novas gerações - tenha o seu nome na placa de uma rua sem movimento e afastada do centro da cidade {53}. Contudo, na mesma época em que uma rua ganhava seu nome, o pedido de Romário para o retorno do nome de Rua das Flores era atendido {54}.

Mesmo com a desfeita, Romário Martins provavelmente continuaria acreditando nas suas palavras de exaltação à cidade, e que sintetizam o seu programa:

Tens na actualidade, todos os estímulos, que te asseguram lugar de destaque e de honra entre as cidades brasileiras e, assim, levadas para o futuro essa condição de eleita dos dons das grandes urbes, das metrópoles que orgulham as civilizações; daquellas que, pela situação geographica, pela topographia, pela posição na confluencia de numerosos nucleos de actividade; pelo clima, pelos ares, pela belleza e nobresa e bondade dos sentimentos da sua gente, enfim; - teem assignalados e garantidos os seus superiores destinos no mundo! (55).

Na década de 1940, pouco antes de Romário Martins morrer, o jovem Dalton Trevisan, a quem um crítico qualificou de "*criador duma espécie de mitologia de sua cidade*" (56), também declara seu amor por Curitiba. Apesar de "*Romário Martins postado à porta de uma livraria*" pertencer à cidade que o cronista canta, a Curitiba deste é outra:

Eu não sei cantar Curitiba, a de Emiliano Fernet, onde o pinheiro é uma taça de luz; de Alberto de Oliveira, onde oh! o céu é azul; de Martins Fontes, que é a cidade sorriso; ou de Moacyr de Las Palmas Chaves, com suas flores, músicas e cristais. Essa Curitiba não é a minha, que eu canto. Eu canto a outra, a do relógio da praça Osório, que indica fielmente a hora errada, - dos sinos da igreja dos Polacos, perto da minha casa, ao entardecer, - das orgias sabatinas no "Operário", onde bailam as pretas mais lindas do

mundo,- das procissões nos dias santos, como visões da Ku-klux-Klan, em que as vozes das virgens se abrem entre a noite em rosas místicas,- da antiga dona Nhandã, de chale preto à cabeça que vai à novena,- de uma sirigaita melosa, à porta dos edifícios de escritórios, com ares de quem tem hora marcada no dentista, canto {57}.

Mas, esta é outra história.

CAPITULO 3

NOTAS E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- {1} MARTINS, Romário. Bi-centenário de uma santa. Curityba : Mundial, 1922. p. 9.  
MARTINS, Romário. Curityba, capital do estado do Paraná. Curityba : Ilustração Paranaense, 1931. não paginado.
- {2} MARTINS, Romário. Curitiba, (historico de sua fundação). Monographia lida em sessão magna da Camara Municipal de Curityba por occasião do 213º anniversario de sua criação. Curityba : Economica, 1906. p. 5
- {3} Ibid., p. 7.  
MARTINS, Romário. Curityba de out'ora e de hoje. Curityba : Prefeitura Municipal, p. 28.
- {4} MARTINS, Romário. Terra e gente do Paraná. Curitiba : Paranaense, p. 182, 192.  
Texto publicado, em parte, anteriormente em MARTINS, Romário. Origens de Curitiba. Boletim P.M.C. 250º Aniversário da fundação de Curitiba. Curitiba, Prefeitura Municipal de Curitiba, n.8, mar-abr 1943. p. 17-25.  
MARTINS, Romário. História do Paraná. 3.ed. Curitiba : Guaíra, {ca. 1950}. p. 206.
- {5} MARTINS, Curityba de outr'ora..., p. 69.  
Id., Terra e..., p. 182-187.  
Id., Origens de..., p. 19.
- {6} Id., História..., 3.ed., p. 168, 180.
- {7} Id., Curityba (historico..., p. 9.
- {8} Id., Historia..., 3.ed., p. 207.  
Id., Origens de..., p. 23.
- {9} Id., Curityba (historico..., p. 9.
- {10} Id., Curityba de outr'ora..., p. 70.
- {11} Id., Historia..., 3.ed., p. 185.
- {12} Id., Curityba de outr'ora..., p. 81.
- {13} Id., Historia..., 3.ed., p. 194.
- {14} A importância dada a ébano Pereira, por Romário é extraordinária. Desde obras mais antigas, Curityba (historico...) de 1906 até Terra e gente de 1944, não se cansa de reproduzir o estudo onde elucida a confusão que outros autores fazem entre três Eleodoros ébanos da história colonial. O texto mais completo sobre esta questão encontra-se em MARTINS, História..., 3.ed., p. 186-193.
- {15} Id., Curityba de outr'ora..., p. 71, 103.
- {16} Id., História..., 3.ed., p. 207.
- {17} Id., Origens de..., p. 23.

- {18} Id., Curityba de outr'ora..., p. 85, 103.
- {19} Exceção digna de nota é História do Paraná, 3.ed., onde não se faz nenhuma referência às lendas indígenas sobre a origem de Curitiba.
- {20} cf. MARTINS, História..., 3.ed., p. 32, o nome da tribo tupi - Tingui - provem de "Tin" "Gui" que significa nariz afilado. Como visto no capítulo 2, esta é uma característica fenotípica favorável a eugeniização.
- {21} MARTINS, Romário. O Paraná antigo e moderno. Curitiba : Economica, 1900. p. 23.  
"AQUI" - também é o lema da ex-libri de Romário, cf. anexo iconográfico.
- {22} MARTINS, Romário. Curityba; estudo onomástico. Curityba : Mundial, 1926. p. 18.  
MARTINS, Romário. História do Paraná. 1555-1853. Curitiba : Economica, 1899. p. 83.
- {23} Id., Curityba; estudo..., p. 8-15.  
Id., Curityba, capital..., não paginado.
- {24} Id., Curityba; estudo..., p. 20.
- {25} Id., Curityba, capital..., não paginado.
- {26} MACIEL, Marcial. Romário e a Comissão Central de Sindicâncias. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, v. 23, p. 51-58, 1974.  
ARQUIVO PÚBLICO DO PARANA. Documentos de Romário Martins.
- {27} Ibid., p. 58.
- {28} MARTINS, Bi-centenario..., p. 9.
- {29} Em 1920, quando foi originalmente escrito o texto Bi-centenario..., o governador do Estado era Caetano Munhoz da Rocha, reeleito em 1924, e de profundas relações com o catolicismo, cf. FEDALTO, Pedro. Arquidiocese de Curitiba. {S.l. : s.n.} p. 130-131, 191-192.
- {30} MARTINS, Bi-centenario..., p. 10-12.
- {31} Id., História..., 3.ed., p. 210-211.  
Id., Curityba, capital..., não paginado..
- {32} Id., Bi-centenario..., p. 14.  
Ainda sobre a importância da santa para os destinos da cidade e de sua população cf. MARTINS, Romário. Salve! Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. In: ----- Terra e gente do Paraná..., p. 219-221.
- {33} Id., Curityba de outr'ora..., p. 167.  
Id., Curityba, capital..., não paginado.

- {34} Id., Curityba de outr'ora..., p. 167.  
Id., Curityba, capital..., não paginado.
- {35} Id., Curityba de outr'ora..., p. 167-168.  
Id., Curityba, capital..., não paginado.
- {36} Id., Bi-centenario..., p. 13.  
Em 'Curityba de outr'ora...', e 'Curityba, capital'..., Romário destaca a colaboração do Chefe de Polícia nesta obra civilizadora de reformas nos costumes locais e não faz nenhuma referência ao vigário.
- {37} Id., Curityba de outr'ora..., p. 170-184.  
Id., Curityba, capital..., não paginado.
- {38} Ibid.
- {39} Ibid.
- {40} Id. Curityba de outr'ora..., p. 129.
- {41} Ibid., p. 129-130.
- {42} TREVISAN, Edilberto. A formação de Romário Martins. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, v. 23, p. 5-26, 1974.  
MACIEL, Marcial. Romário na intimidade. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, v. 23, p. 43-49, 1974.
- {43} MARTINS, Curityba de outr'ora..., p. 130-132.
- {44} Ibid., p. 133-134.
- {45} Id., Curityba, capital..., não paginado.
- {46} Ibid.
- {47} Ibid.
- {48} RICHARD, Lionel. A República de Weimar. 1919-1933 São Paulo : Cia das Letras, 1990. p. 242-243.
- {49} Ibid., P. 244-245.
- {50} MARTINS, Curityba, capital..., não paginado.  
Id., Curityba de outr'ora..., p. 170-171.
- {51} MARTINS, Romário. Psychologia da placa. Curitiba : Correia e C., 1900. p. 5-6.
- {52} Ibid., p. 6-7.
- {53} CARNEIRO, Davi. Romário Martins. Gazeta do Povo, Curitiba, 25 set 1971.

- {54} Em 1972 com a implantação do "calçadão" a rua voltou a se denominar Das Flores.
- {55} MARTINS, Curityba de outr'ora..., p. 186-187.
- {56} CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo : Atica, 1987. p. 205.
- {57} TREVISAN, Dalton. Minha cidade. Joaquim, Curitiba, n. 6, p. 16.

CÓNCLUSÃO

## CONCLUSÃO

## AONDE SE CHEGOU

A história dos dominadores, efetivamente descontínua, é apresentada pela tradição como contínua. Contínua em um tempo homogêneo e vazio. Para preenchê-lo o historiador historicista forja um conjunto de símbolos que, partindo da origem, constrói a imagem de uma identidade ideal à qual todos devem integrar-se, pois ela é garantidora das conquistas da civilização até então alcançadas e, possibilitadora de, graças à força do progresso, se atingir um perfeito estágio de civilização.

A força desses símbolos vem da mimese imagética entre história e natureza. O homem não se resseca até os ossos - a imagem da caveira; ao contrário, ele incha e transforma-se no pinheiro, alto, ereto, símbolo das potencialidades do trabalho, cujo esforço seria por todos realizado, assim como o seu resultado seria por todos usufruído. A seiva do mate, cuja riqueza circula pelas artérias econômicas do Estado, também intumece os vasos sanguíneos humanos, levando ao corpo e à mente

energias sãs, realizadoras e potencializadoras de uma sociedade plenamente desenvolvida. A terra, mãe provedora, não é um bem expropriado; pois dividida, desde o princípio, em pequenas parcelas, atende a todos, gerando no seu seio o fruto (trigo) que, junto com ela, remete para a civilização que se quer construir: a da Europa ocidental. Tais símbolos, inclusive, corrigem os desvios industrialistas do modelo, abolindo assim, na origem, os conflitos que adviriam se se mantivesse o rumo seguido pelos países europeus.

A imigração foi um dos caminhos encontrados pelos europeus para remediar as lutas sociais em que estavam envolvidos. Na outra ponta da corrente migratória, busca-se a integração do imigrante aos elementos originários formadores da população. Entre estes, seleciona-se os valores e exemplos exaltativos da sua história, insuflando-lhes um ar de grandiosidade e heroísmo, constituindo-os no cerne ao qual deve amalgamar-se o novo. Este, por sua vez, simboliza o perfil fenotípico capaz de eugenizar a parcela mais sã da população local, assim como sua imagem de hortelão rosado deve alimentar o fluxo vital de gêneros para a urbe consumidora.

A cidade é consumidora, mas também expositora das conquistas civilizacionais a que uma determinada sociedade pode almejar e alcançar. Nela tudo é símbolo de progresso, de vida, de vida em progresso ascensional ilimitado. Da origem modesta,

porém luminosa, aos personagens animados que a engrandeceram e fizeram-na sorrir tudo é denotador da vida exuberante que o destino lhe reservou. Assim, na mimese natureza-história, esta transforma-se no relato do desenvolvimento natural das potencialidades inatas do homem, rumo a um devir transcendentalmente já estabelecido.

A eficácia do discurso historiográfico romariano é garantida graças ao exercício de funções míticas que realiza ao forjar um passado inteligível e compreensível dando sentido a aspectos significativos das relações sociais. Assim, é possível a uma parcela ponderável da população se reconhecer como fruto desta história, pois esta lhe dá uma origem auspiciosa, um presente de conquistas civilizacionais e um futuro venturoso.

Neste trabalho, a partir do conceito originário de símbolo - de que o objeto simbólico não representa somente outra coisa, mas também um mundo transcendente - procurou-se demonstrar como a obra de um historiador historicista forja um conjunto de imagens de uma sociedade ideal - pacífica, ordeira e trabalhadora.

Esta construção, que se apropria de elementos da natureza que por si só já representariam as condições de um paraíso na terra, é sustentada pela junção que estabelece entre estes

elementos e a história. Desta forma, Romário Martins, ao fundar a história regional do Paraná, dá-lhe um sentido evolutivo cuja força propulsora é o progresso. Estes componentes aliam-se às funções míticas do historicismo na garantia de sua eficácia prática.

Se Romário Martins, utilizando-se do que sua época fornecia, dedicou sua vida a dar uma identidade ao homem paranaense, construindo, em sua obra, uma série de símbolos; como foi dito no início porém, neste estudo sua obra foi tomada como alegoria. Ou seja, como representação do outro, daquele que não se identifica com o ideal civilizador romariano. Este outro não tem o perfil da imagem-símbolo, da mímise entre natureza-história. Sua imagem é a da própria história da natureza em seus momentos de decadência - a caveira.

A totalidade da história que é possível, ao historiador dialético, localizar em um tema monadal, só se completa quando às imagens míticas, as imagens forjadas no sonho, se juntam as imagens do despertar...

## O DESPERTAR

Em uma determinada época, uma determinada vida sonhou e produziu uma série determinada de imagens. Imagens de sonho, distorcidas, mas com aparências reais, estabelecendo conexões para frente e para trás no tempo, limitando os sentidos de sua significação. Em um momento que, fugaz fulgura, tais imagens são apreendidas e lhes é imposta, alegoricamente, uma outra significação, a significação do outro. É o agora da reconhecibilidade, é o instante do despertar.

O brilho baço do cristal monadológico romariano não impede que se veja, entre as suas facetas, aquele que sua obra é a negação. Ele está ali mesmo, no centro desta produção, sustentando realmente sobre os ombros aquele mundo de civilização ideal, construído graças ao espólio arrebatado pelos vencedores. Derrotado e morto pela tradição, sua imagem descarna e petrifica-se. Petrificado, permanece como ruína. Quando do despertar, o historiador dialético ordena, com a consciência da vigília, os fragmentos sonhados. A caveira indicia a barbárie sobre a qual se forjou a cultura:

é uma vida rude e penosa esta, porque ás fadigas e privações juntam-se os vexames, as mil torturas dos insectos, e isto é o que ha de mais insupportavel, a meu ver. Mas o pessoal hervateiro do Alto Paraná é feito para essa existencia.

É um trabalhador difícil de substituir, porque ninguém, nenhum europeu principalmente, resistiria como elle ás fadigas, nem se contentaria certamente com o jornal e a alimentação que lhe dão {1}.

Não sendo apenas o não ser de sua negação, porém, indicia outras realidades não sonhadas:

é o trabalhador mais inconstante que existe, difficilmente se sujeitando a um trabalho regular e perseverante. Este o aborrece e afugenta; elle prefere penar muitos mezes na floresta, comendo e dormindo mal, atacado por insectos de toda ordem, depois do que se entregará á modorra, em um centro habitado qualquer, a trabalhar de modo menos penoso porém mais regularmente, em uma colonia agricola. {...} os dias se passariam em conversas. O menor incidente serve de pretexto para se interromper o trabalho e travar longas discussões, no meio de cuiadas de Mate. Elles são imprevidentes que consomem todos os viveres sem pensar no dia seguinte ...{2}.

A redenção do passado não realizado se faz, a contrapelo do historicismo, rememorando o não acontecido nos escombros da civilização. Nesta tarefa o trabalho do historiador dialético pode se desdobrar entre perseguir rumos que a tradição historicista - mítica - tomou em outras épocas, conjugando elementos díspares para formar suas imagens dominantes; ou recuperar na tradição dos oprimidos as imagens de uma realidade não realizada. De uma forma ou de outra, o palimpsesto continuará a ser escrito. Somente assim, será possível à consciência imaginar o futuro, projetar a utopia.

CONCLUSÃO

NOTAS E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

{1} Esta citação, bem como a seguinte (nota 2), fazem parte de uma descrição da região ervateira feita por Paul Walle no Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Paris, tomo XXXI, n. 12. Romário Martins transcreve um longo trecho com a seguinte introdução: "Da região do Alto Paraná recolheu Paul Walle magníficos flagrantes da natureza e da actividade do homem, allí inteiramente postas a serviço da indústria hervateira. Eis como o seu espírito de fino observador vio os herveaes, e, em geral, a floresta, dominantes de nove decimas partes da immensa região; a acção dos descobridores e elles proprios, farejadores de herveaes através da matta espessa e invadeavel por outra especie de gente, que divide a vida entre trabalhos mais rudes e a ociosidade quase vegetativa; (...)" . MARTINS, Romário. Ilex mate; chá sul-americano. Curityba : Paranaense, 1926. p. 188. Ver também o ANEXO ICONOGRAFICO. Figuras 07 e 08.

{2} MARTINS, Ilex mate, p. 188.

ANEXO ICONOGRAFICO

## FIGURA 01

Reprodução ampliada de fotografia de "out-door" e parte da Ferrovila, vila formada após invasão de terreno público às margens de ferrovia desativada, na esquina da Av. Presidente Kennedy com Av. República Argentina.

ROSARIO NETO, Pedro do. s/título. 1992. 1 fot. : color., 12 X 9 cm.



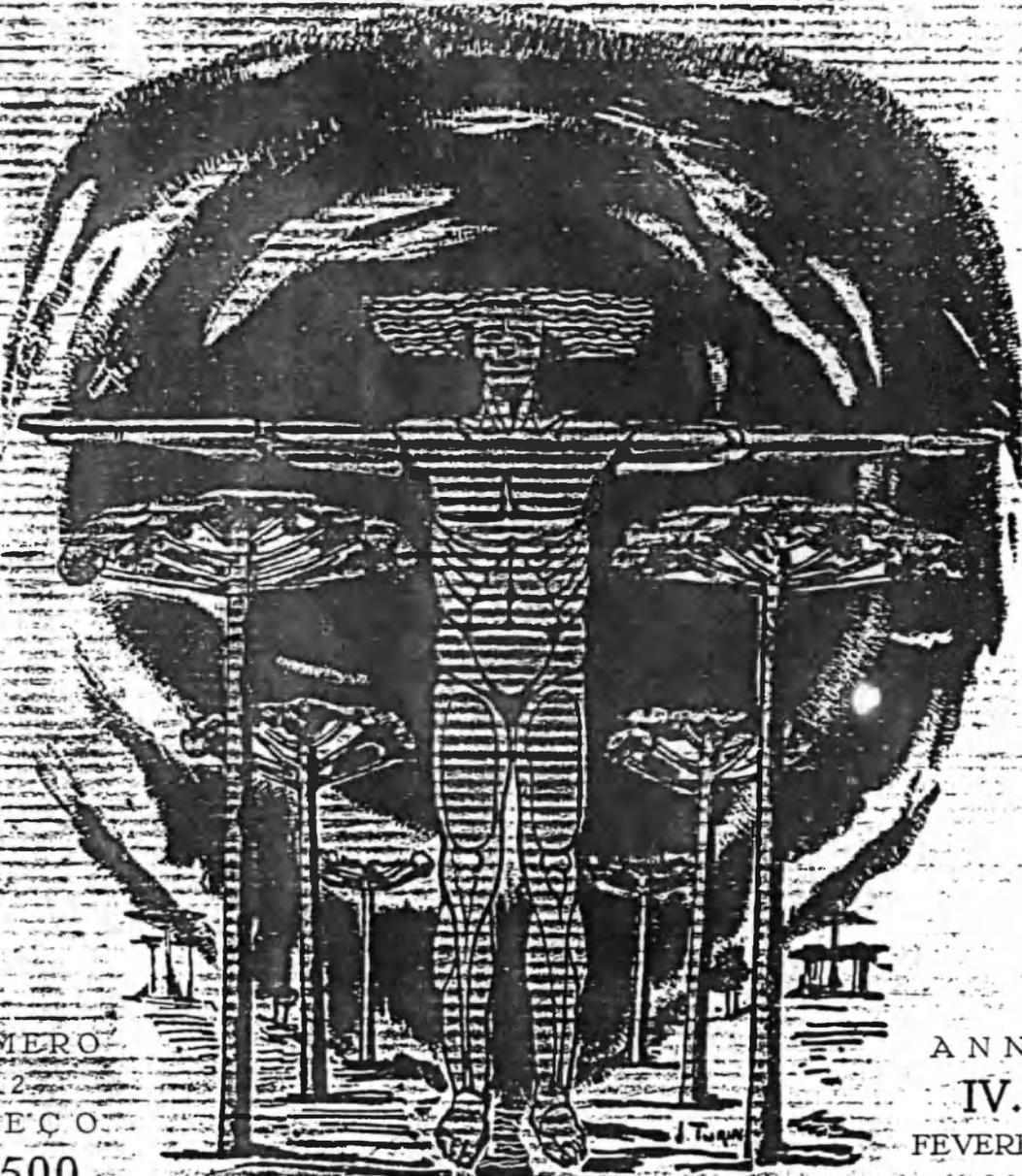
Curitiba. O Brasil que  
chegou ao primeiro mundo.

Parabéns pelos 299 anos. Itaú

## FIGURA 02

Capa da revista "Ilustração Paranaense", editada por Romário Martins e outros intelectuais e artistas do movimento paranista. Desenhado por João Turin, apareceu em todos os números da revista com exceção do último, nov. 1930, que saiu com uma foto de Getúlio Vargas na capa.

# ILUSTRACÃO PARANAENSE



NUMERO

2

PREÇO

1\$500

ANNO

IV.

FEVEREIRO

1930



## FIGURA 03

Exemplo de texto em forma de tronco de pinheiro e que serve como editorial da revista "Ilustração Paranaense".

# ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE

ANNO I — NUMERO 1

CURITYBA, NOVEMBRO 1927



## O SYMBOLO PARANISTA

AO TRANSPOR A SERRA DO MAR, VINDO DOS LITTO-  
RAES, O HOMEM BRANCO ESTACOU ANTE A IMMEN-  
SIDADE DA COXILHA PONTEADA DE CAPÕES DE AL-  
TISSIMOS PINHEIROS. ERA O PAIZ DO TINGUY VA-  
LENTE, IDEALISTA E GENEROSO. A' FLOR DOS CAM-  
POS BALOUÇAVAM OS TOLDOS DE FOLHAGEM DE SUAS  
CAVERNAS ABERTAS NO SOLO, PARA QUE A CONS-  
TRUCÇÃO DOS ACAMPAMENTOS NÃO MACULASSE A  
BELLEZA SEM PAR DAQUELLA NATUREZA, NEM O  
RUMOR DAS GENTES PRIMITIVAS PERTURÉASSE A  
PASSARADA NO DOMINIO ABSOLUTO DA AMPLIDÃO.  
O PINHEIRO ERA O REI DESSE PAIZ, — REI DE BON-  
DADE, ALTIVO NA SUA ESTRUCTURA, MAS FRATER-  
NALMENTE ACOLHEDOR NOS LARGOS BRAÇOS SEM-  
PRE ABERTOS DA SUA RAMADA. A ABUNDANTE PRO-  
DIGALIDADE DOS SEUS FRUCTOS POSSIBILITOU A  
VIDA DAS TRIBUS AMERINDAS E AS INCURSÕES DOS  
EMBOABAS COLONIAES. FOI O PÃO E A SOMBRA DOS  
QUE PRIMEIRO POSSUIRAM E AMARAM NOSSA TERRA  
E QUE DERAM SEU SANGUE PARA NOSSA RAÇA. FOI  
DO SEU LENHO A CASA DOS PRIMEIROS VINDOS, —  
A CASA, A MESA, O BERÇO. O ESQUIFE DOS QUE VIE-  
RAM DEPOIS. HOJE E' AINDA A MAIS ABUNDANTE  
RIQUESA DO NOSSO SERTÃO, A ARVORE MAIS CA-  
RACTERISTICA DA NOSSA FLORA, A MAIS TOCANTE  
BELLEZA DA NOSSA PAIZAGEM. E SE FOI O PINHEI-  
RO A ARVORE PROVIDENCIAL DE NOSSOS PRIMEI-  
ROS DIAS, E' AINDA AQUELLA QUE PELA SUA UTILI-  
DADE POSSIBILITOU A COLONISAÇÃO SYSTEMATICA  
DO NOSSO SO'LO, E ASSIM, A FIGURA SERA' TAMBEM  
PARA A POPULAÇÃO DE TODAS AS ORIGENS QUE AQUI  
HABITA, O SYMBOLO INTEGRADOR DO PASSADO AO  
PRESENTE E A ALVORADA PROMISSORA DE NOSSA  
ACTUALIDADE A ESSE FUTURO QUE HA DE SER FA-  
TALMENTE GRANDIOSO, PORQUE GRANDIOSOS TAM-  
BEM SÃO AS LINHAS DA ESTRUCTURA PHYSICA E  
MORAL DA NOSSA TERRA E DE NOSSA GENTE.

ROMARIO  
MARTINS.

FIGURA 04

Exemplo de texto em forma de pinhão (fruto do pinheiro).

BOM DIA,  
PARANA'!

Os  
canoeiros  
do Parana-

panema quando por fim de  
longos dias de plena barra avistam as aguas do  
Rio Mar, erguem-se altivos no lenho trepidante, num  
impulso de admiração pela immensidade, e se descobrem e al-  
gam os remos triumphadores, saudando: — "Bom dia, Para-  
ná!" — Neste instante que passa, de nossa historia,  
em que se completam 74 annos de nossa vida  
autonoma, nossa saudação á terra querida deve ser  
tambem "Bom dia, Paraná!" porque o que temos á  
vista é tambem a immensidade de possibilidades sem  
conta, nas aguas oceanicas dos nossos rios e nas forças  
d'luvias das nossas cataractas sem rivaes no mundo todo!  
— "Bom dia, Paraná!" deverá ser hoje nossa saudação ás nos-  
sas florestas e aos nossos campos, que em ambos reside a im-  
mensidade e possibilidades sem conta! — "Bom dia, Paraná!" repre-  
sentado pelas terras de toda a especie de cultura, a terra das mais variadas ai-  
titudes, desde as cumladas de treis planaltos onde esbarram as nuvens do céu, até  
às terras quentes dos valles que repetem no clima temperado o ambiente do tropi-  
co! — "Bom dia, Paraná!" seja o dia eterno de tua vida, cheio de esperanças  
que por toda a parte nos acena nas araucarias por toda a terra verdejantes e na  
esmeralda reaplandescente dos teus campos e no esplendor da tua flora flo-  
restal e no nosso espirito certo das grandiosas victorias do porvir! -- "Bom  
dia, Paraná!" deverá ser hoje a nossa saudação á terra portentosa que  
nos queremos, menos por ser a nossa querida terra, mas por ser a mais  
bella, a mais rica, a mais graciosa, a mais perturbadora, a mais dadi-  
vosa das terras de todo o mundo, aquella em que o Creador primou  
na sua obra e resumio todas as outras, onde a geada estende o  
seu niveo manto sobre os trigaes e onde o sól esplende, eter-  
no, sobre os cafésaes e os fructos dos climas de verão eter-  
no! — "Bom dia, Paraná!" no sorriso das tuas crianças de  
hoje, as mais lindas crianças de todos os povos do mun-  
do, os teus homens eugenicos de amanhã que não de-  
fazer o progresso grandioso que está na tua predes-  
tinação! E de joelhos em terra e braços levanta-  
dos para o céu de purissimo azul que se confun-  
de com as nossas montanhas de saphyras ruti-  
lantes, — bemdigamos os dias que já vive-  
mos! a hora que está passando agora! e o  
tempo que ainda ha de vir! pedindo, com  
lagrimas nos olhos e um grande amor  
no coração, ao Deus das Coisas Todas,  
dos homens, dos animaes, das plantas  
e das proprias pedras, que não des-  
vie nunca do nosso destino as victo-  
rias triumphaes do Paraná que  
ora amanhece no nosso trabalho,  
nos nossos sentimentos e na nos-  
sa mentalidade de hoje! E com  
lagrimas nos olhos e um grande  
amor no coração, repitamos  
todos a saudação dos cano-  
eiros do Paranapanema,  
quando por fim de longos  
dias de plena barra avis-  
tam as aguas do Rio-  
Mar, como nós de a-  
gora já avistamos a  
radiosa immensida-  
de do nosso futu-  
ro: — "Bom dia,  
P a r a n á ! "

\*\*\*ojo\*\*\*

ROMARIO  
MARTINS.

# ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE

## FIGURA 05

Ilustração do artigo "Como nasceu o Paraná" de Romário Martins, publicado no jornal "O Dia", 19 dez. 1944. Localizado no ARQUIVO PUBLICO. Documentos de Romário Martins, caixa 6.

# COMO NASCEU O PARANA

ROMARIO MARTINS

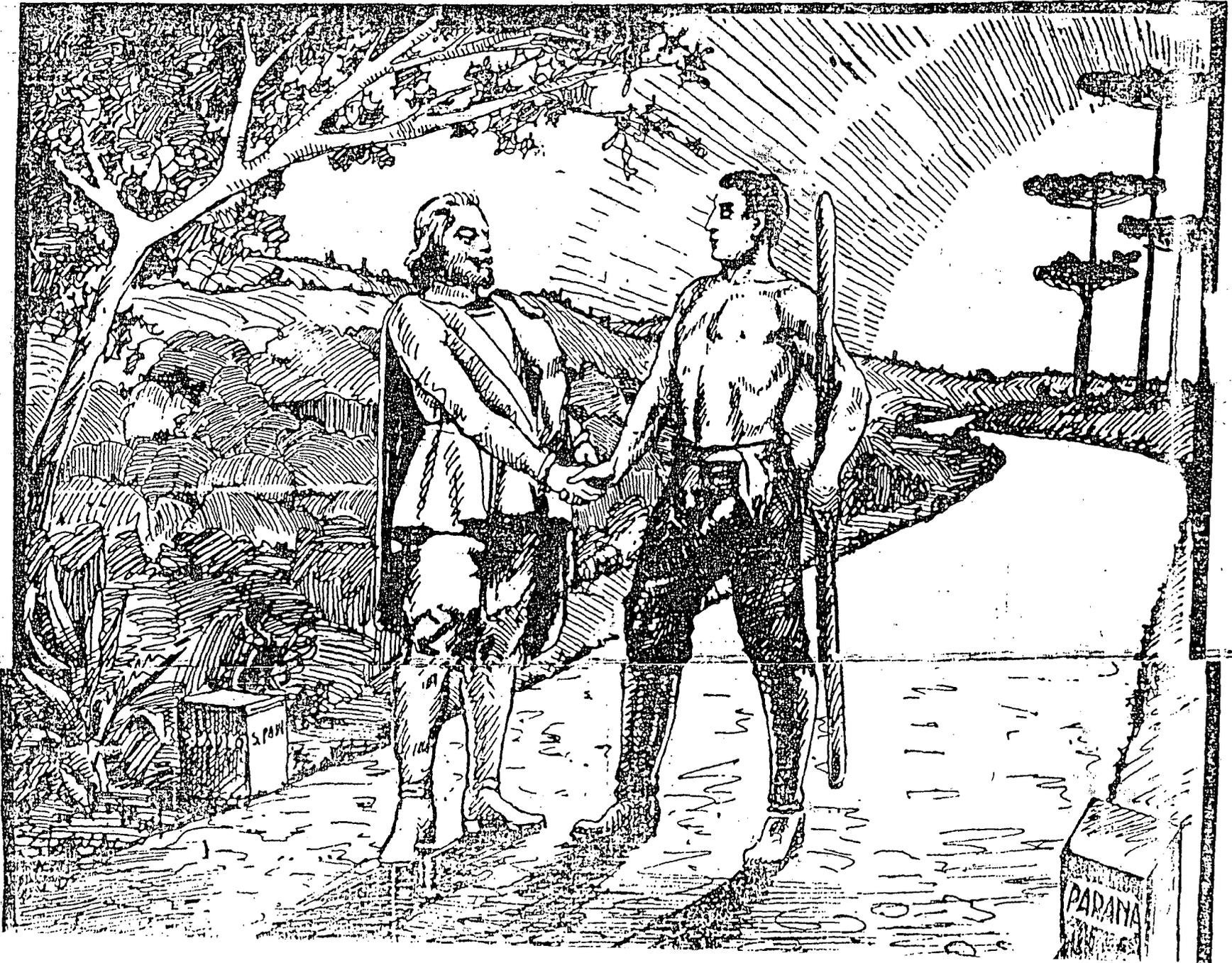


FIGURA 06

Ex-libris de Romário Martins publicada em "Dados bio-bibliográficos".



### EX-LIBRIS DE ROMÁRIO MARTINS

— O Pinheiro alto, eril, de longos braços estendidos para os horizontes, — é o Paraná transfigurado no símbolo verde das esperanças que se realizam, da hospitalidade acolhedora dos advindos de todos os quadrantes do mundo, da afirmação de força e de altura incitadoras das resistências para o trabalho e para as preocupações altruísticas.

— As flechas rompentes nas direções de levante e do poente indicam as situações da baixada e do planalto, modificadoras dos climas e condicionadoras de exuberância para a vida de todas as espécies; a altura dos ideais paranistas; a raça que povoou de lendas e de deuses o sertão maravilhoso da Aracariândia, que primeiro viveu e dominou no nosso território, que se fundiu no sangue dos conquistadores, que nele imprimiu o cunho bravo do amor à terra, que estendeu à todas as feições geográficas a nomenclatura que se perpetuou nas serras e nas águas, na flora e na fauna e que possibilitou a exploração e a conquista do sertão.

— As duas hastes de trigo, ao mesmo tempo que no mais nobre dos cereais simbolizam a produção cultural da terra, definem a generalização de nossas atividades em todos os setores da inteligência construtiva e útil.

— A divisa da faixa lembra o gesto hospitaleiro dos Tinguís de Curitiba, ao tempo da entrada dos primeiros povoadores, quando o chefe indígena, fincando na terra a sua vara de comando, designou o local da primeira povoação, dizendo: — “Aqui”!

— E o conjunto desses símbolos concretiza, por sua vez, todas as aspirações superiores do paranismo: — o devotamento à glória natal, a ordem e o progresso, a paz e o trabalho, os idealismos civilizadores e a incondicional defesa da integridade, da soberania e da imortalidade do Brasil.

FIGURA 07

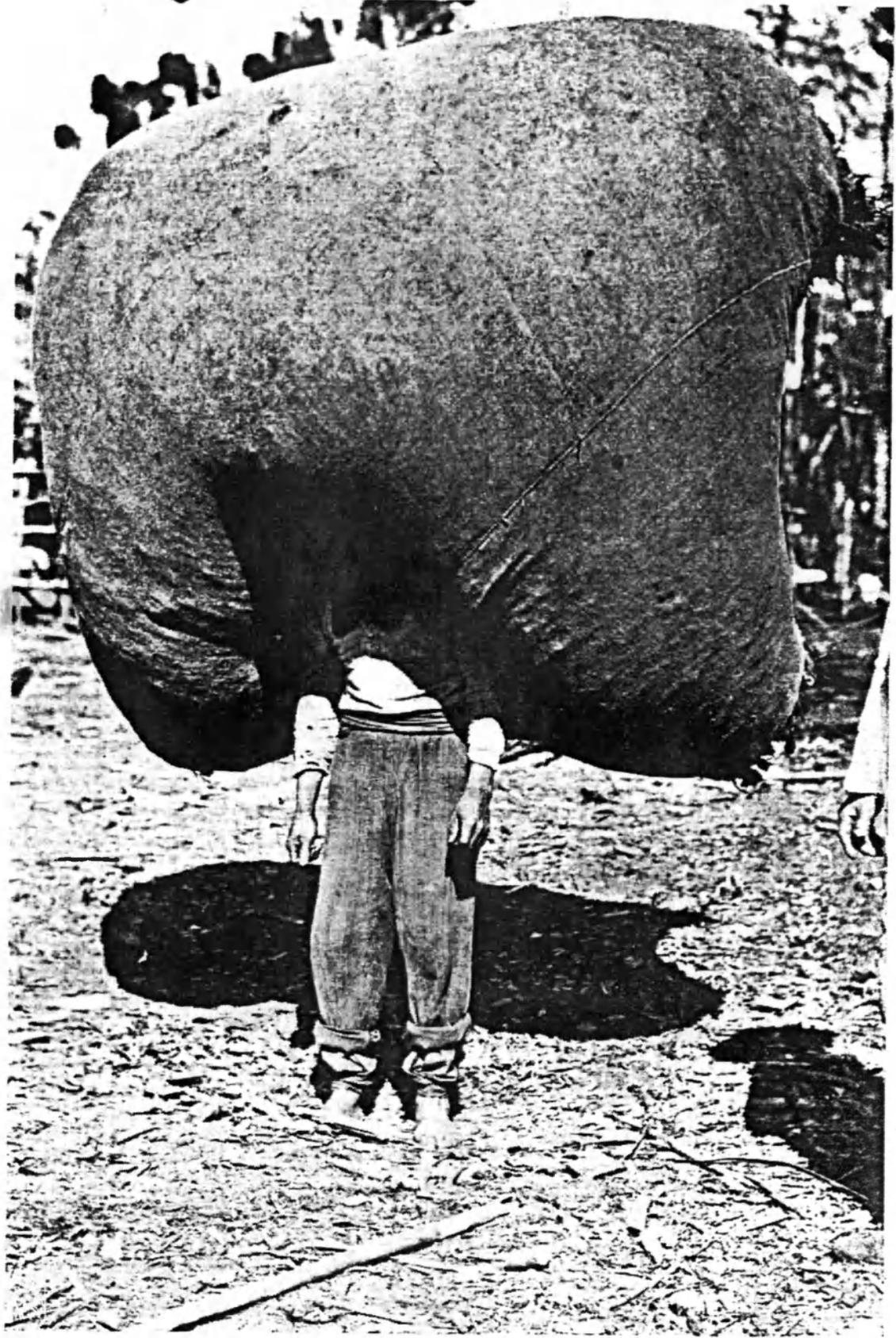
Reprodução ampliada de fotografia impressa n.º "O livro do  
matê", entre as páginas 24 e 25, sem indicação de auto-  
ria. Cada feixe pesa aproximadamente 60 kg.



O TRANSPORTE DOS «MANOJOS» OU FEIXES DE HERVA

## FIGURA 08

Reprodução ampliada de fotografia impressa n' "O livro do mate", logo após a página de rosto, sem indicação de autoria.



CONDUÇÃO DA HERVA PARA OS DEPOSITOS NO SERTÃO

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

## A. OBRAS DE ROMARIO MARTINS

- 1 MARTINS, Romário. Vozes íntimas. Corityba : {s.n.}, 1893.
- 2 ----- . Noites e alvoradas. Corityba : Econômica, 1895.
- 3 ----- . O socialismo. Coritiba : Popular, 1895.
- 4 ----- . Combate do Cormorant. Da História do Paraná, Coritiba : Econômica, 1898.
- 5 ----- . Ruínas. Coritiba : Annibal, Rocha e C.ª, 1898.
- 6 ----- . História do Paraná. 1555-1853. Corityba : Econômica, 1899.
- 7 ----- . O Paraná Antigo e Moderno. Esboço de um livro. Coritiba : Annibal, Rocha e Comp., 1900.
- 8 ----- . Psychologia da Placa. Coritiba : Correira e C., 1900.
- 9 ----- . O que é o Paraná. (A terra e o homem). {Curitiba} : Comissão de Colonização do Paraná, {1907?}.
- 10 ----- (org.). Catálogo do Estado do Paraná; Agricultura, várias industrias, arte liberaes, pecuária. Exposição Nacional, Rio de Janeiro, 1908. Rio de Janeiro : M. Grosco, 1908.
- 11 ----- . Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. B. Lamenha ~~...~~ Lins: Secretário d'Estado dos Negócios do Interior pelo diretor do Museu Paranaense. 1906. Curitiba : Paranaense, 1908.
- 12 ----- . Catálogo dos jornais publicados no Paraná de 1854-1907. Curitiba : Paranaense, 1908.
- 13 ----- . O Pinho do Paraná e as suas necessidades. Justificação das indicações apresentadas em sessão de 22 de agosto de 1908. 2º Congresso Nacional de Agricultura. Curitiba : Econômica, 1909.
- 14 ----- . Litigio territorial entre Paraná e Santa Catharina. (Títulos onde assenta a contenda). Rio de Janeiro : Gomes, Irmão e C., 1911.
- 15 ----- . ABREU Fº, Alberto. O Livro do Mate. São Paulo : Weiszflog Irmãos, 1916.
- 16 ----- . Alguns aspectos do Paraná. Curitiba : {s.n.}, 1918.

- 17 ----- Bi-centenário de uma santa. Curityba: Mundial, 1922.
- 18 ----- Como se fez a nossa independência; 7 de setembro de 1822. Curityba : Inspetoria Geral do Ensino, {1922?}.
- 19 ----- Curityba de outr'ora e de hoje. Curitiba : Prefeitura Municipal, 1922.
- 20 ----- O Paraná em Trabalho. In: O Estado do Paraná na Exposição do Centenário. 1822 - 1922. Rio de Janeiro : {s.n.}, 1923. p. 7-18.
- 21 ----- A caça e a pesca no Paraná; lei e sua justificação. Curitiba : {s.n.}, 1924.
- 22 ----- Catálogos e Estudos do Museu Paranaense. (Separata do Relatório apresentado a S. Excia. o Sr. Presidente Munhoz da Rocha por S. Excia Sr. Alcides Munhoz, Secretário Geral do Estado). Curityba : Mundial, 1925.
- 23 ----- Branco, Amarelo e Preto. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico do Paraná, v. 3, n. 1, 1919-1925. p. 35-42.
- 24 ----- Código da herva-mate; Estado do Paraná. Curitiba : {s.n.}, 1925.
- 25 ----- Código Florestal - Estado do Paraná. Projeto apresentado ao Congresso Legislativo do Estado em sessão de fevereiro de 1926. {S.l. : s.n.}, {1926?}.
- 26 ----- Curityba; estudo onomástico. Curityba : Mundial. 1926.
- 27 ----- Ilex - mate; chá sul-americano. Curityba : Paranaense, 1926.
- 28 ----- Plantando, dá. Os serviços officiaes de agricultura do Estado do Paraná. Suas organizações e realizações até 31 de maio de 1930. Curitiba : Departamento de Agricultura, 1930.
- 29 ----- Plantando, dá! Esforços e Resultados da "Cruzada do Trigo" no Estado do Paraná, 1928-1930. Curityba : Paranaense, {1931}.
- 30 ----- Curityba, Capital do Estado do Paraná. Curityba : Illustração Paranaense, 1931.
- 31 ----- Bandeiras e Bandeirantes em terras do Paraná. 1532-1839. Curitiba : Guaira, 1935.
- 32 ----- Escola Agronômica do Paraná. Turma de agrônomos de 1937. Discurso. Orador da turma no ato de colação de grau. Curitiba : {s.n.}, 1937.

- 33 ----- . Escolas rurais especiais para a educação e socialização do caboclo. Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, ano 5, n. 9, mar 1940. 2ª fase. p. 1-14.
- 34 ----- . Esforços pela defesa florestal do Paraná. Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, ano 5, n. 10, nov 1940. 2ª fase. p. 1-23.
- 35 ----- . Faiquerê. Mitos e lendas. Visões e aspectos. Curitiba : Guaira, 1940.
- 36 ----- . Quantos somos e quem somos. Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba : Paranaense, 1941.
- 37 ----- . A ação nazista no Brasil. In: MARTINS, Mário. Hitler guerreia o Brasil há dez anos. Curitiba : O Dia, (194-).
- 38 ----- . Origens de Curitiba. Boletim P.M.C. 250º aniversário da fundação de Curitiba. Curitiba, Prefeitura Municipal de Curitiba, n. 8, mar-abr 1943. Separata. p. 17-25.
- 39 ----- . Terra e Gente do Paraná. Diretoria Regional de Geografia do Estado do Paraná. Curitiba : Paranaense, 1944.
- 40 ----- . Escolas rurais especiais para a educação e socialização do caboclo. Revista da Academia Paranaense de Letras, Curitiba, ano 4, n. 11, 1946. p. 195-203.

#### B. OUTRAS OBRAS

- 41 AMORA, Antonio Soares. História da Literatura Brasileira (Séculos XVI-XX). São Paulo : Saraiva, 1963.
- 42 ARQUIVO PÚBLICO DO PARANA. Documentos de Romário Martins.
- 43 ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE AROIO AO INDIO. Índios do Paraná. Curitiba : 1983
- 44 BENJAMIN, Walter. Alegoria e drama barroco. In: ----- . Documentos de cultura documentos de barbáries. (Escritos escolhidos). São Paulo : Cultrix, 1986.
- 45 ----- . Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flavio (org.). Walter Benjamin. São Paulo : Atica, 1985.
- 46 BLOCH, Marc. Introdução à história. Lisboa : Europa-América, 1965.
- 47 BOLETIM DO MUSEU PARANAENSE, v. 3, n. 10, 1974.

- 48 BOLETIM DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Curitiba : n. 21, 1974.
- 49 BOLETIM P.M.C. 250º aniversário da fundação de Curitiba. 1693 - 29 de Março - 1943. Curitiba, Prefeitura Municipal de Curitiba, n. 8, mar-abr 1943. Separata.
- 50 BRANCO, Joaquim. Sugestão do Paraná. São Paulo : Diário Oficial, 1919.
- 51 BRAUDEL, Fernand. Civilização Material e Capitalismo. Séculos XV-XVIII. Lisboa : Cosmos, 1970. Tomo I.
- 52 BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. Pensando o Paraná... algumas reflexões de intelectuais paranaenses nos anos 50. Curitiba : {mimeo} {198-}.
- 53 BURMESTER, Ana Maria de Oliveira; PAZ, Francisco Moraes; MAGALHÃES, Marlonildes Dias Brepohl de. O Paranismo em questão: o pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na década de 50. In: SILVA, Marco Aurélio da. República em Migalhas. História regional e local. São Paulo : Marco Zero, 1990. p. 145-160.
- 54 CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo : Atica, 1987.
- 55 -----. Literatura e Sociedade. Estudos de teoria e história literária. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1967.
- 56 COLLINGWOOD, R. G. A idéia de história. Lisboa : Presença, 1981. 5ª ed.
- 57 COMPANHIA FORÇA E LUZ DO PARANÁ. Information concerning. Curitiba : 1929.
- 58 CARNEIRO, David. Fasmias estruturais da Economia do Paraná. Curitiba : Universidade Federal do Paraná, 1962.
- 59 -----. Romário Martins. Gazeta do Povo, Curitiba, 25 set. 1971.
- 60 CASTELLANO, Leonor. Lendas e narrativas paranaenses. Revista do Centro de Letras do Paraná, ano 40, n. 5, jan-mar 1952. p. 16-17.
- 61 CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Ideologia e mobilização popular. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- 62 COELHO, Marianna. O Paraná mental. Curitiba : Econômica, 1908.
- 63 CORREIA, Affonso G. Conferencia Paranista. (S.l. : s.n.), 1928.

- 64 CORREIA, Manoel F. Ferreira. Notícias sobre o Estado do Paraná. Publicada por ordem do Governo do Estado para a Exposição Universal Colombiana em Chicago. Curitiba : Paranaense, 1893.
- 65 ----. WESTPHALEN, Emygdio. O Estado do Paraná em 1920. Curitiba : A. Guimarães e Filho, 1920.
- 66 DARCANCHY, Raul. O Pan-germanismo no sul do Brasil. Rio de Janeiro : {s.n.}, 1915.
- 67 DARNTON, Robert. Publicação: uma estratégia de sobrevivência para autores acadêmicos. In: ----. O beijo de Lamourette, mídia, cultura e revolução. São Paulo : Cia de Letras, 1990.
- 68 ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Lisboa : Edições 70, 1986.
- 69 FEDALTO, Pedro. Arquidicose de Curitiba. {S.l. : s.n.}, {195-}.
- 70 FERNANDES, Hellê Vellozo. Seis Crônicas. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, v. 34, p. 163-184, 1978.
- 71 FERNANDES, Loureino. Romário Martins. O fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 17-33, jan. 1950.
- 72 FINLEY, Moses I. Uso e abuso da história. São Paulo : Martins Fontes, 1989.
- 73 GOMES, Laurentino e SILVA, Marleth. A capital de um país viável. Veja, São Paulo, ano 26, n. 1281, p. 68-75, 31 mar. 1993.
- 74 GOMES, Raul e ROCHA JUNIOR, L. O milho no Paraná. Curitiba : Globo, 1918.
- 75 GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1979.
- 76 HORNER JR., Valério. Paraná, um eterno amor. Gazeta do Povo, Curitiba, 22 dez. 1991. Viver Bem, p. 24.
- 77 IANNI, Octavio. Raças e Classes Sociais no Brasil. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1966.
- 78 ----. As etnias e a questão nacional. In: BASTOS, Elide Rugai e IANNI, Octavio. A questão nacional. São Paulo : Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985. p. 35-47.
- 79 IPARDES. O Paraná reinventado: política e governo. Curitiba : 1989.

- 80 KOTHE, Flávio. Para ler Benjamin. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.
- 81 ----- (org.). Walter Benjamin. São Paulo : Atica, 1985.
- 82 LACERDA, Dirceu de. Sugestões sobre a arborização de Curitiba. Tesê para a docencia livre da Cadeira de Higiene da Faculdade de medicina do Paraná. Curitiba : Paranaense, 1938.
- 83 LAVAL, Lucie. Dans L'ombre. Rio de Janeiro : Candeia Azul, 1924.
- 84 LENHARO, Alcir. Sacralização da política. Campinas : Papyrus, 1986.
- 85 LINHARES, Temístocles. O Paraná vivo; um retrato sem retoques. Rio de Janeiro : José Olympio, 1953.
- 86 MACIEL, Marcial. Romário Martins, o esquecido. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. v. 9, p. 22-25, 1967.
- 87 ----- Romário e a Comissão Central de Sindicâncias. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, v. 23, p. 51-58, 1974.
- 88 ----- Romário na intimidade. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, v. 23, p. 43-49, 1974.
- 89 MARTINS, Wilson. Um Brasil diferente; ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo : Anhembi, 1955.
- 90 MATTA, Roberto (org.). Edmund Ronald Leach: Antropologia. São Paulo : Atica, 1983.
- 91 MORREU Guairacá. Marinha. Revista do Litoral Paranaense. Paranaguá, n. 82, 1950.
- 92 MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira: ponto de partida para uma revisão histórica. São Paulo : Atica, 1977.
- 93 MUNHOZ, Alcides. Observações gerais sobre o Estado do Paraná. Curitiba : (s.n.), 1918.
- 94 ----- Le Paraná pour l'étranger. Curityba : Econômica, 1907.
- 95 ----- O Pão Brasileiro. (Problema Economico-Social). Curitiba : Econômica, 1912.
- 96 ----- Relatório apresentado a s.exa. o sr. presidente Munhoz da Rocha. Curityba : Mundial, 1925

- 97 ----- . O Sr. Sylvio Roméro e o allemanismo no sul do Brasil. O Paraná. Curitiba : A. Guimarães, 1907.
- 98 ----- . A teutophobia do sr. Sylvio Romero. Curitiba : Econômica, 1910.
- 99 ----- . O Trigo no Paraná. Propaganda Agrícola. Curitiba : A República, 1919.
- 100 NADALIN, Sérgio Odilon. Imigração e colonização alemã na obra de Romário Martins. Boletim do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, n. 21, p. 87-95, 1974.
- 101 PADIS, Pedro Calil. A formação de uma economia periférica: o caso do Paraná. São Paulo : Hucitec, 1981.
- 102 PARANA. Os caminhos do Paraná. Informativo do Governo do Paraná. Curitiba : {1982}.
- 103 PARANA. Secretaria de Estado da Cultura. Caderno de Pesquisa e Documentação I. "Mão Dupla". Curitiba : 1989.
- 104 ----- . "Mão Dupla II". Curitiba : 1991.
- 105 FERREIRA, Magnus Roberto de Mello. Fazendeiros, Industriais e Não-Morigerados. Ordenamento jurídico e Econômico da Sociedade Paranaense (1829-1889) Curitiba, 1990. Dissertação, mestrado - Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- 106 PINHEIRO MACHADO, Brasil. A historiografia de Romário Martins na sua "História do Paraná". Boletim do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, n. 21, p. 43-49.
- 107 PLAISANT, Alcibiades Cezar. Scenario Paranaense. Descrição Geographica, politica e historica do Paraná. Curitiba : A República, 1908.
- 108 PUGLIELI, Helio de Freitas. Para compreender o Paraná. Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura, 1991.
- 109 RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização. Petrópolis : Vozes, 1979.
- 110 RICHARD, Lionel. A república de Weimar. 1919-1933. São Paulo : Cia das Letras, 1990.
- 111 ROCHA, Augusto. Paraná Intellectual. Memória aprovada pela comissão Central Redactora do Dicionário Histórico, Geographico e Ethnografico do Brasil, Edição do Centenário. Ponta Grossa : Americana, 1922.
- 112 ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. São Paulo : Cia. das Letras, 1989.

- 113 ----- . Édipo e o Anjo. Itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1981.
- 114 RUMO PARANAENSE. Curitiba, ano 2, n. 16, mar 1975.
- 115 SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem no Interior do Brasil (Quarta Parte) Relativa ao atual Estado do Paraná. Curitiba : J. B. Groff, 1931.
- 116 SILVA, Francisco Pereira da. Os Paraniadas. Poema heróico do Paraná, em 12 contos líricos. Edição Comemorativa ao 350 aniversário de fundação do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Curitiba : {s.n.}, 1968.
- 117 SILVA, Vera Alice Cardoso. Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica. In: SILVA, Marco Aurélio da. República em migalhas. História regional e local. São Paulo : Marco zero, 1990.
- 118 SZVARÇA, Décio Roberto e CIDADE, Maria Lúcia. 1955: O voto "verde" em Curitiba. História Questões e Debates, V. 10, n. 18/19. jun - dez 1989. p. 181-211.
- 119 THOMPSON, E. F. A miséria da teoria, ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.
- 120 TREVISAN, Dalton. Minha cidade. Jaquim, Curitiba, n. 6, 1946.
- 121 TREVISAN, Edilberto. A formação de Romário Martins. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, Curitiba, v.23, p. 5-26, 1974.
- 122 TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república. São Paulo, 1982. Tese de doutorado em História. Universidade de São Paulo.
- 123 VELLOZO, Dario e PONTES, Gustavo. Terra das araucárias. Curitiba : Instituto Neo-Pitagórico, 1943.
- 124 VENTURA, Roberto. Estilo tropical. São Paulo : Cia das Letras, 1991.
- 125 VIANA, Oliveira. Populações Meridionais do Brasil. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1973.
- 126 WESTPHALEN, Cecília Maria. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná - 50 anos. Curitiba : Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1988.
- 127 ----- . O Pôrto de Paranaguá no ano de 1826 - Estudos de Micro Conjuntura. Boletim da Universidade do Paraná, Conselho de Pesquisa, Departamento de História, n. 2, dez 1962.

128 WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade. 1780 - 1950*. São Paulo : Nacional, 1969.

129 -----. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.